



**UNIVERSIDADE DA INTEGRAÇÃO INTERNACIONAL DA
LUSOFONIA AFRO-BRASILEIRA – UNILAB
INSTITUTO DE HUMANIDADES (IH)**

LICENCIATURA EM PEDAGOGIA

RUGANA INDAFÁ

**ETAPAS DE FORMAÇÃO COMO UMA FORMA DE EDUCAÇÃO:
EXPERIÊNCIAS DO POVO BRASSA “BALANTA”**

Redenção- CE
2022

RUGANA INDAFÁ

**ETAPAS DE FORMAÇÃO COMO UMA FORMA DE EDUCAÇÃO:
EXPERIÊNCIAS DO POVO BRASSA “BALANTA”**

Monografia do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto de Humanidades (IH) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira UNILAB apresentado como requisito necessário para obtenção do título de Licenciatura em pedagogia.

Orientador: Prof. Dr. Evaldo Ribeiro

Redenção- CE
2022

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
Sistema de Bibliotecas da UNILAB
Catalogação de Publicação na Fonte.

Indafá, Rugana.

I34e

Etapas de formação como uma forma de educação: experiências do povo Brassa "Balanta" / Rugana Indafá. - Redenção, 2022.
88f: il.

Monografia - Curso de Pedagogia, Instituto de Humanidades,
Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-
Brasileira, Redenção, 2022.

Orientador: Prof. Evaldo Ribeiro Oliveira.

1. Educação (Guiné - Bissau). 2. Brassa (Povo africano). 3.
Cultura na educação. I. Título

CE/UF/BSP

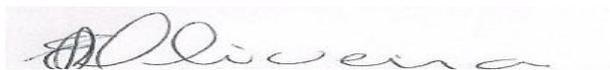
CDD 370

ETAPAS DE FORMAÇÃO COMO UMA FORMA DE EDUCAÇÃO: EXPERIÊNCIAS DO POVO BRASSA “BALANTA”

Monografia do curso de Licenciatura em Pedagogia do Instituto de Humanidades (IH) da Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira UNILAB apresentado como requisito necessário para obtenção do título de Licenciatura em pedagogia.

Apresentado e a provado em 26 de janeiro de 2022

BANCA EXAMINADORA

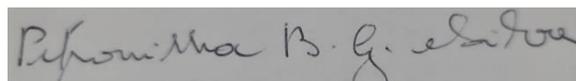


Prof. Dr. Evaldo Ribeiro

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Orientador

Examinador/a:



Profa. Dra. Petronilha Beatriz Gonçalves e Silva

Universidade federal de São Carlos (UFSCar)

Examinador/a:



Profa. Dra. Cristina Mandau Ocuni Cá

Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (UNILAB)

Redenção- CE
2022

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho ao meu herói, querido e amado pai “*MARTINHO INDAFÁ IMPABÂ*”. Pai, estar onde quer que esteja, sei que sentiras orgulho do seu filho amado, que os ancestrais o tenham.

AGRADECIMENTO

Agradeço de coração com tudo amor minha querida e amada mãe, Dona Sábado meme por tudo sacrifício que ela passou na vida para me tornar homem que sou hoje, de maneira especial agradeço pela comida que ela colocava na mesa, roupa, livro, lápis, caneta, caderno e por me direcionar.

De igual modo, agradeço os meus ancestrais (*Mama Nkan Bukuti, Mama Ntana, Mama Bas, Mama Sanan*), pela proteção e benção que terem me dado ao longo da minha vida. Agradeço aos familiares, amigos e conhecidos, em especial aos meus irmãos, na pessoa da Dra. Quinta Indafá, Augusto Indafá, Alcina Celia Indafá, Tio Dino Afonso Té, Vladimir “Vla”, Mateus Tamba, Quinto Bracia, Bissawidna Nquinde Na Ndiba, e a todos amigos, conhecidos e familiares que contribuíram direto ou indiretamente para este feito.

Também com mesmo carinho, agradeço de coração o meu ilustre e magnifico orientador, Professor Dr. Evaldo Ribeiro, por ter aceitado o desafio de me orientar para a realização desta proposta de estudo, pela paciência que teve comigo, também agradeço o professor Ivan Costa Lima, professor Antônia vieira filho, professora Rosangela Ribeiro e a todos/as professoras/es que tive na vida, na UNILAB e durante o curso de pedagogia e o meu percurso acadêmico.

Com carinho, agradeço ao Brasil, pela oportunidade, formação e acolhimento, em especial o governo de ex-presidente Luís Inácio Lula da Silva, pela criação e realização do projeto da universidade de integração internacional da lusofonia afro-brasileira UNILAB, para integrar comunidade de países língua portuguesa-CPLP, incluindo Timor-leste. Pela oportunidade que me deram de realizar o meu sonho e o sonho da minha família.

Ninguém ignora tudo. Ninguém sabe tudo.
Todos nós sabemos alguma coisa.
Todos nós ignoramos alguma coisa.
Por isso aprendemos sempre.

Ninguém educa ninguém. Ninguém educa a si mesmo.
Os homens se educam entre si. Mediatizados pelo mundo.

“Paulo Freire”

RESUMO:

O trabalho que se segue, tem como título: Etapas de formação como uma forma de educação: experiências do povo brassa “Balanta.” O presente estudo trata-se de uma temática que vai abordar os aspectos voltados a diferentes formas e práticas culturais do povo Brassá de Nhacra (mais conhecido por “*Balanta*”), considerando vários conhecimentos e saberes passados de geração a geração nas suas etapas de educação e formação em diferentes ciclos de vida como uma forma de educação, ensino e aprendizagem. Para tanto, o trabalho objetiva analisar e compreender os valores educacionais presentes na cultura dos Brassá de Nhacra a partir das suas etapas de formação como uma forma de educação e aprendizagem presente nas suas próprias experiências. Esta pesquisa se torna relevante, na medida em que busca compreender os valores educacionais presentes na cultura do povo em estudo, a partir das suas diferentes etapas de formação que se faz presente nas suas próprias experiências de vida vivida nas suas realidades como uma forma de educação e aprendizagem. Sendo assim, na busca de alcançar o conhecimento e o objetivo proposto neste estudo, metodologicamente utiliza-se da pesquisa bibliográfica para reforçar conhecimento sobre um quadro teórico pouco conhecido nos estudos da cultura do povo em estudo. Com este trabalho, compreende-se o processo educativo que se dá na realidade deste povo, a realização desta proposta de estudo, me proporcionou a compreensão dos conhecimentos oriundos dos valores educacionais presentes na cultura do meu povo “Brassa”.

Palavras chave: Etapas de formação, formas de educação, experiência do povo Brassá, valores educacionais.

ABSTRACT:

The following paper is entitled: Stages of formation as a form of education: experiences of the Brassá people "Balanta." The present study is a theme that will address the aspects aimed at different cultural forms and practices of the Brassá people of Nhacra (better known as "Balanta"), considering various knowledge and wisdom passed from generation to generation in their stages of education and formation in the different life cycles as a form of education, teaching and learning. To this end, the work aims to analyze and understand the educational values present in the culture of the Brassá of Nhacra from their stages of formation as a form of education and learning present in their own experiences. However, this research becomes relevant to the extent that it seeks to understand the educational values present in the culture of the people under study, from their different stages of formation that are present in their own life experiences lived in their realities as a form of education and learning. Thus, in the search to reach the knowledge and the objective proposed in this study, we methodologically use bibliographic research to reinforce knowledge about a little-known theoretical framework in the studies of the culture of the people under study. With this work, we understand the educational process that takes place in the reality of the people under study, the realization of this study proposal, provided me with the understanding of the knowledge arising from the educational values present in the culture of my people "Brassa".

Key words: Stages of formation. Forms of education. Experience of the Brassá people. Educational values.

RESUMU:¹

Tarbadju ku buna kumpanha, tene suma titulo: kaminhus di sina ku apreindi suma um manera di educason: Manera de vivi di povo brassa “Balanta”. Es n’pulma-pulma na trata di um tema kusta voltado pa diferentes formas i praticas di us di povo brassa de Nhacra, mas kunsido pa balanta, nona busca considera manga di kunhicimentu ku tudu kusas ke sibi i Ke éta sina n’utru di mandjuas bedju pa kil, mas nobu na se mandjuandadi i eduka n’utru na diferentes grupus di mandjuandadi. Enton Pa kila, és tarbadju tene suma objetivu, analisa i n’tindi kal ki baluris di educason kusta na us di brassa di Nhacra apartir de se grupus di sina n’utru suma um manera de educason i de apreindi di povo brassa. Es n’pulma-pulma na sedu mportante, pabia ina busca n’tindi baluris di sina n’utru kusta na us di es povus ku nona studa, apartir di se mangas di grupos de sina n’utru kusta na se manera di vivi, i na se mandjuandade. Na manera de busca iankasa é kunhisimento ku objetivo ku kolocado na es n’pulma-pulma, suma kaminho di ianda pa tchiga la, nona utiliza n’pulma-pulma di casa di livros, pa pudi buri kil ku djintis ka kungsi tchiu ku sedu es n’pulma-pulma sobri povo brassa. Ku es tarbadju, n’tindi kaminho ku nota ianda pa sina n’utru nano mandjuandade anos brassa, fasi es tarbadju djudan tchiu na n’tindi i kungsi djiresa ku balur di sina n’utru kusta na us di nha povo i di utrus povos di Bissau.

Palabras di balur: Grupus di sina n’utru, maneras di eduka n’utru, djiresa di povo brassa, baluris kuta sinadu.

¹ A tradução deste resumo de português para língua guineense “crioulo da Guiné-Bissau”, foi feito por Rugana Indafá e alguns colaboradores, como: Braima Sadjo, Dime Gomes Có e Policarpo Gomes Caomique. O objetivo dessa tradução, é de contribuir com outra forma de expressar o conhecimento no processo de ensino e aprendizagem.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1- Mapa etnográfico da Guiné-Bissau.....	17
Figura 2- Momento de ritual de toca choro.....	28
Figura 3- Cerimônia de casamento, ensinamento dos anciães com a noiva.....	32
Figura 4- Educação tradicional africana.....	48
Figura 5- <i>Bidok ni Nhare</i> : crianças da 1ª etapa de formação.....	51
Figura 6- Grupo de jovens <i>Nghaye</i>	57
Figura 7- Grupo dos recém circuncidados, novos <i>Lante ndan</i>	65
Figura 8- Crianças da 1ª etapa de formação <i>Nbi fula usoñ</i>	68
Figura 9- Sade: No processo de preparação de sal.....	74
Figura 10- <i>Anin Ndolo</i> : Nas suas tarefas.....	76

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO	9
METODOLOGIA.....	13
1. CAPÍTULO-I A IDENTIDADE DO POVO BRASSA E AS SUAS PRÁTICAS CULTURAIS.....	16
1.1. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA GUINÉ-BISSAU.....	16
1.2. ORIGEM DO POVO BRASSA E A SUA NOMENCLATURA.....	18
1.3. ORGANIZAÇÃO SÓCIO-POLÍTICO DOS BRASSA	20
1.4. PRODUÇÃO ECONOMICA DOS BRASSA.....	22
1.5. A CULTURA DO POVO BRASSA	23
1.6. CERIMONIA DE CASAMENTO “KUASSE”	29
1.7. CRENÇA RELIGIOSA DOS BRASSA DE NHACRA	32
1.8. FESTA DE KANTA PÔ “ <i>RIB FIBALACK</i> ”	34
1.9. DANÇA DE <i>KUSUNDÉ</i>	35
1.10. DANÇA DE <i>BROSKA</i>	36
2. CAPÍTULO-II EDUCAÇÃO FORMAL E A EDUCAÇÃO TRADICIONAL AFRICANA.....	38
3. CAPÍTULO-III. PROCESSO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO MASCULINA E FEMININA DOS BRASSA DE NHACRA COMO UMA FORMA DE EDUCAÇÃO E APRENDIZAGEM	49
3.1. PROCESSO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO MASCULINO NA REALIDADE DOS BRASSA DE NHACRA	49
3.2. A PRIMEIRA ETAPA <i>BIDOK NI NHARE</i>	50
3.3. SEGUNDA ETAPA <i>N THOK FOS</i>	52
3.4. TERCEIRA ETAPA <i>NGWAC</i>	53
3.5. QUARTA ETAPA <i>N’KUUMAN</i>	54
3.6. QUINTA ETAPA <i>NGHAYE</i>	55
3.7. SEXTA ETAPA <i>BLUFU NDAN</i>	58

3.8. SÉTIMA ETAPA <i>LANTE-NDAN</i>	59
4. PROCESSO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO FEMININA NA REALIDADE DOS BRASSA DE NHACRA	67
4.1. PRIMEIRA ETAPA <i>NBI FULA USOÑ</i>	67
4.2. SEGUNDA ETAPA <i>NBI FULA NDAN</i>	68
4.3. TERCEIRA ETAPA <i>IEGLE</i>	72
4.4. QUARTA ETAPA <i>THATA</i>	73
4.5. QUINTA ETAPA <i>SADE</i>	73
4.6. SEXTA ETAPA <i>ANIN NDOLO</i>	75
5. CONSIDERAÇÕES FINAIS	77
6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.	82

APRESENTAÇÃO

O trabalho que se segue, trata-se de uma temática que vai abordar os aspectos voltado a diferentes formas e práticas cultural do povo *Brassa* de *Nhacra* (mais conhecido por “*Balanta*”)², considerando os diferentes conhecimentos ou saberes passados de geração a geração nas suas etapas de educação e formação nos diferentes ciclos de vida como uma forma de educação, ensino e aprendizagem. O trabalho objetiva analisar e compreender os valores educacionais presentes na cultura dos *Brassa* de *Nhacra* a partir das suas etapas de formação como uma forma de educação e aprendizagem presente nas suas próprias experiências.

Nesta ordem de ideia, acredito que é importante um estudo sobre as referidas etapas de formação como uma forma de educação e aprendizagem na cultura do povo *Brassa* de *Nhacra* a partir das experiências vividas nas suas realidades socioculturais. Sendo assim, é importante lembrar que não existe só um tipo *Brassa*, mas o nosso foco é abordar os *Brassa* de *Nhacra* para tanto, vale apontar que as referidas etapas de formação na *Brassa* de *Nhacra*, são diferentes das etapas de outros *Brassa*, como por exemplo os de Kuntóé, mas a nossa abordagem será partir da realidade dos *Brassa* de *Nhacra*.

No entanto, Cutsau, (2017), afirma que na *Brassa* de *Kuntóé*, as etapas de formação ou fases masculina são dez (10) e as femininas são quatro (4). Enquanto que na realidade dos *Brassa* de *Nhacra* que é o foco do nosso estudo é um pouco diferente em termo de quantidade, nas pronúncias e na nomenclatura com as fases/etapas acima apontado, pois nos escritos do Cammilleri, (2010), ele aponta que as etapas de formação masculina são: sete (7), e a feminina são: seis (6), apesar dessa especificidade de cada uma delas, ambas não deixam ser *Brassa*.

Portanto, a justificativa do presente trabalho se dá a partir da minha inquietação e interesse em estudar o referido tema, primeiro foi porque sou do grupo étnico em estudo “*Brassa*”, mas não tenho oportunidade de viver a minha realidade cultural, porque não

² *Brassa*, vou usar este termo durante todo o trabalho como forma de resgatar o nosso verdadeiro nome “*Brassa*”, nome que este povo sempre teve ou que lhes identifica. As mandingas os chamavam de ebalanta que significa: os que não se submetem; os que se recusam a ser governados, rebeldes homens, ele é chamado de *Balanta* pelo outros e *Brassa* por se mesmo, Cammilleri, (2010).

tinha a oportunidade de viajar para *tabanca*³, por isso não conheci a *morança*⁴ da minha mãe nem do meu pai, já que a maioria das práticas e manifestações culturais da minha etnia acontece nas zonas rurais, não nas zonas urbanas onde a gente vive, mas gostaria um dia poder viver e sentir a energia que a nas diferentes fases ou etapas de formação e educação masculina e passar pela formação do ritual de circuncisão conforme manda a minha tradição cultural.

Esses fatos me tornaram quase um desconhecido da minha cultura e das diferentes formas de práticas e manifestações culturais da minha própria etnia, mais a partir de uma reflexão profunda, fiz uma pergunta a mim mesmo: Esse meu desconhecimento é bom para mim? cheguei à conclusão que não, e perguntei o seguinte, sou moderno ou estou perdido? Essa reflexão me fez entender que é importante fazer essa pesquisa porque, vai me aproximar da minha realidade e das diferentes formas e práticas culturais e educacionais vividas para o meu povo como uma experiência positiva.

Com isso, dialogo com Laraia, (2004), apontando um fato importante de que, “a necessidade de o indivíduo perceber e conhecer a sua cultura, para poder assimilá-la, tornar-se parte dela e transformá-la”. Me sinto contemplado porque, hoje em dia, a modernidade está nos afastar e impedir de conhecer as nossas culturas e as suas práticas.

Também, se justifica pela colonização mental e curricular vivida no meu país Guiné-Bissau, porque lá, nas escolas não se ensina as histórias das diferentes culturas que construíram o mosaico cultural guineense, mas após a minha chegada ao Brasil na Universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira UNILAB/CE em dois mil e dezesseis, para curso de bacharelado em humanidades, interagindo com os colegas a partir da perspectiva afro-centrado da universidade, comecei a sentir falta de não ter conhecido bem a realidade da minha cultura.

Na semana universitário de dois mil e dezoito que aconteceu na Unilab/CE, escrevi pela primeira vez algo sobre a minha etnia intitulado: “*As etapas de formação na vida dos homens e mulheres da etnia Brassa da Guiné-Bissau como uma forma de educação*” um resumo simples, submetido para apresentação no modelo de pôster/banner,

³ Tabanca é um conjunto de morações de diferentes grandes famílias, instalada numa determinada povoação que tem nome próprio, habitado por várias famílias.

⁴ Morança é um conjunto de casas da mesma família, uma família grande que tem em comum o único avô paterno.

em coautoria com a Professora Doutora Rosângela Ribeiro da Silva e do discente Amadu Saico Balde, durante apresentação, percebi que o tema era importante pelo impacto porque suscitava o interesse de muita gente inclusive da professora que me avalio.

A partir desse momento comecei a pensar na forma de desenvolver aquele resumo, acabei chegando à conclusão de que seria bom que seja o meu trabalho de conclusão de curso para obtenção do grau da licenciatura em pedagogia, pois acredito que o tema em estudo se relaciona com a pedagogia porque se refere ou melhor destaca a formação do ser humano através do processo de aprendizagem dos indivíduos a partir das diferentes etapas de formação e as experiências de um determinado povo ou grupo étnico, considerando que é um dos objetivos da pedagogia é a formação humana.

Acredito que o tema em estudo é uma pesquisa em educação, considerando abordagem das referidas etapas de formação na etnia *Brassa* como uma forma de educação e aprendizagem a partir das suas próprias experiências, porque sou uma das que acredita que a educação é além daquilo que acontece na sala de aula, dentro de quatro paredes ou um espaço onde acontece a educação dita formal, pois acredito que a educação é além do ambiente escolar por isso, as etapas de formação e as experiências do povo em estudo que serão destacadas em outro momento também é uma forma de educação e aprendizagem a partir da realidade cultural dos *Brassa de Nhacra*.

Na verdade, ninguém pode escapar do processo educativo porque a vida é uma escola, por isso, neste trabalho apresentaremos uma outra forma de educação e aprendizagem que se dá a partir da realidade dos *Brassa de Nhacra* nas suas etapas de formação e as suas experiências vividas.

Esse propósito fez crescer mais o interesse em pesquisar e trazer à tona a educação que se dá nas referidas etapas de formação na cultura do meu povo, para que um dia este processo educativo seja estudado na academia como tem sido estudado a cultura de outros povos do mundo, ainda serve como uma forma de contribuir na divulgação daquilo que é a nossa rica cultura. Também será um material com relevância acadêmica que vai servir de cunho como mais uma bibliografia na produção de novas pesquisas.

No âmbito social, esta pesquisa será mais um material que vai ajudar na compreensão do quanto é importante a formação ou educação que se dá na cultura do povo *Brassa de Nhacra* a partir das suas experiências e as diferentes formas de manifestação cultural. Também vai ser enegrecido muitos aspectos culturais dos *Brassa de Nhacra*, estes fatos

vão ajudar a entender como as referidas etapas de formação e as experiências desse povo é tida como uma forma de educação e aprendizagem, e porque eles precisam ser bem observados e reconhecidos enquanto uma forma de prática pedagógica. No entanto, a questão da nossa pesquisa se senta no interesse de entender o seguinte: Quais são os valores educacionais presentes nas etapas de formação do povo *Brassa* de *Nhacra* a partir das suas experiências?

Sendo assim, considerando o anúncio do nosso tema e a nossa inquietação acima apontada, para melhor abordagem do presente trabalho, estabelecemos o seguinte Objetivo geral: Analisar e compreender os valores educacionais presentes na cultura dos *Brassa* de *Nhacra* a partir das suas etapas de formação como uma forma de educação e aprendizagem presente nas suas próprias experiências.

Os objetivos específicos traçados são: Identificar as formas pelo qual ocorre o processo de ensino e aprendizagem dos valores educacionais na cultura dos *Brassa* de *Nhacra* a partir das suas etapas de formação como uma forma de educação presente nas suas próprias experiências. Descrever o processo de produção dos valores educacionais na cultura dos *Brassa* de *Nhacra* a partir das suas etapas de formação como uma forma de educação e aprendizagem presente nas suas próprias experiências. Destacar as diferentes possibilidades da produção e construção dos valores educacionais na cultura dos *Brassa* de *Nhacra* a partir das suas etapas de formação como uma forma de educação e aprendizagem presente nas suas próprias experiências.

METODOLOGIA

No que concerne a abordagem metodológica, este trabalho como qualquer outro trabalho científico ou acadêmico precisa de uma metodologia, ou seja, o caminho ou forma de realização da nossa pesquisa com intuito de alcançar os nossos objetivos almejados. Nessa ordem de ideia, Gil (2007, p. 17), vai dizer que a pesquisa se define como um (...) “procedimento racional e sistemático que tem como objetivo proporcionar respostas aos problemas que são propostos”.

Sendo assim, Fonseca (2002, *apud* GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 12), vai dizer que etimologicamente a palavra *methodos* significa organização, e *logos*, quer dizer o estudo sistemático, pesquisa e investigação. Continuando, elas afirmam que a metodologia, é o estudo que diz respeito à organização, dos caminhos ou formas escolhidas para a realização de uma pesquisa científica/acadêmica.

Sendo assim, pretendemos realizar a nossa pesquisa a partir de pesquisa qualitativo, pois de acordo com Gerhardt e Silveira, (2009, p. 31), elas afirmam que: A pesquisa qualitativa “não se preocupa com representatividade numérica, mas, sim, com o aprofundamento da compreensão de um grupo social, ou uma organização” [...]. Pois este método/forma de realização da pesquisa se casa muito bem com a nossa pesquisa que tem interesse em estudar um grupo étnico “povo Brassá”.

Na mesma ordem de ideia, Deslauriers, (1991, p. 58 *apud* GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 31), aponta que:

Na pesquisa qualitativa, o cientista é ao mesmo tempo o sujeito e o objeto de suas pesquisas. O desenvolvimento da pesquisa é imprevisível. O conhecimento do pesquisador é parcial e limitado. O objetivo da amostra é de produzir informações aprofundadas e ilustrativas: seja ela pequena ou grande, o que importa é que ela seja capaz de produzir novas informações.

Na visão desse autor/a, o pesquisador que ele está chamando de cientista, é o sujeito e objeto do seu trabalho, porque certamente, ele/a está munido de um certo conhecimento a respeito do tema proposto ou a ser pesquisado, mas para fazer ciência, este seu conhecimento a respeito, passa a ser parcial e limitado. para essas autoras, as características da pesquisa qualitativa são:

Objetivação do fenômeno; hierarquização das ações de descrever, compreender, explicar, precisão das relações entre o global e o local em determinado fenômeno; observância das diferenças entre o mundo

social e o mundo natural; respeito ao caráter interativo entre os objetivos buscados pelos investigadores, suas orientações teóricas e seus dados empíricos; busca de resultados os mais fidedignos possíveis; oposição ao pressuposto que defende um modelo único de pesquisa para todas as ciências (GERHARDT e SILVEIRA, 2009, p. 32).

Nas palavras de Gerhardt e Silveira (2009), entende-se que a pesquisa qualitativa preocupa mais com os fatos ou aspectos reais que não podem ser quantificados, por isso ele se centra em compreender, analisar e explicar as dinâmicas das relações sociais. Pois no que se refere a pesquisa bibliográfica que também é uma das formas de realizar a nossa pesquisa, que é nada mais ou nada menos que uma revisão das bibliografias ou referenciais teóricos já publicadas e disponíveis. Sendo assim, Fonseca (2002), afirma que:

A pesquisa bibliográfica é feita a partir do levantamento de referências teóricas já analisadas, e publicadas por meios escritos e eletrônicos, como livros, artigos científicos e páginas de web sites. Qualquer trabalho científico inicia-se com uma pesquisa bibliográfica, que permite ao pesquisador conhecer o que já se estudou sobre o assunto. Existem, porém, pesquisas científicas que se baseiam unicamente na pesquisa bibliográfica, procurando referências teóricas publicadas, [...] (FONSECA, 2002, p. 32).

No entanto, para realização da nossa pesquisa, procuraremos conhecer e explorar na medida possível os referenciais teóricos ou materiais já publicados voltada a nossa temática, em especial aquelas que debruçam sobre a cultura do povo Brassa de Nhacra, às suas etapas de formação, as suas diferentes formas e práticas culturais, sobre a educação tradicional africana, destacando Cammilleri, (2010), que nos ajuda a entender a identidade cultural do povo brassa de Nhacra. Mongala, (1982), que também nos ajudou a entender e estabelecer um diálogo entre a educação tradicional africana com a realidade educacional do povo em estudo. Cutsau, (2017), Namone, (2020) e muitos outros teóricos.

O referido trabalho conta com a apresentação e justificativa acima apresentada, na apresentação, apresentamos o propósito do trabalho, delimitamos o problema e definimos os objetivos traçados para a realização desta proposta de estudo na justificativa, apresentei uma justificativa acadêmica, social e pessoal onde justifiquei o motivo da escolha do tema, o interesse em pesquisar o referido grupo étnico e apresentamos a metodologia, que explicar como o trabalho foi desenvolvido e organizado, em seguida apresentamos três

principais capítulos, onde foi desenvolvida as diversas fundamentações a respeito da temática em estudo.

No primeiro capítulo, intitulado “a identidade do povo Brassa e as suas práticas culturais”, apresenta-se uma breve contextualização da Guiné-Bissau o país da qual se encontra este povo; em seguida destaca-se origem de povo Brassa e a sua nomenclatura; depois a organização sociopolítica dos Brassa; também foi destaca a sua produção econômica; e a sua prática cultural com ênfase na cerimônia de casamento; sua crença religiosa; festa de kanta pô; dança de kusundé e dança de Broska.

No segundo capítulo, intitulada “educação formal e a educação tradicional africana”, neste capítulo destaca-se o termo educação; educação formal; educação não formal e a educação tradicional africana, como uma forma de compreender melhor o processo de ensino e aprendizagem presente nelas e apresentar os aprendizados e práticas pedagógicas existentes na educação tradicional africana como pode se vê na realidade do povo em estudo e por último um pouco do que seria a educação na Guiné-Bissau.

No capítulo terceiro, denominado de “Processo de educação e formação masculina e feminina dos Brassa de Nhacra como uma forma de educação e aprendizagem”, nela descreve-se o processo de educação e formação masculina e feminina a partir da realidade dos *Brassa de Nhacra* e as suas diferentes fases ou etapas, neste capítulo destaca-se como cada uma das etapas se dá e as suas responsabilidades. Por fim, apresenta-se as considerações finais.

1. CAPÍTULO: I- A IDENTIDADE DO POVO BRASSA E AS SUAS PRÁTICAS CULTURAIS

1.1. BREVE CONTEXTUALIZAÇÃO DA GUINÉ-BISSAU

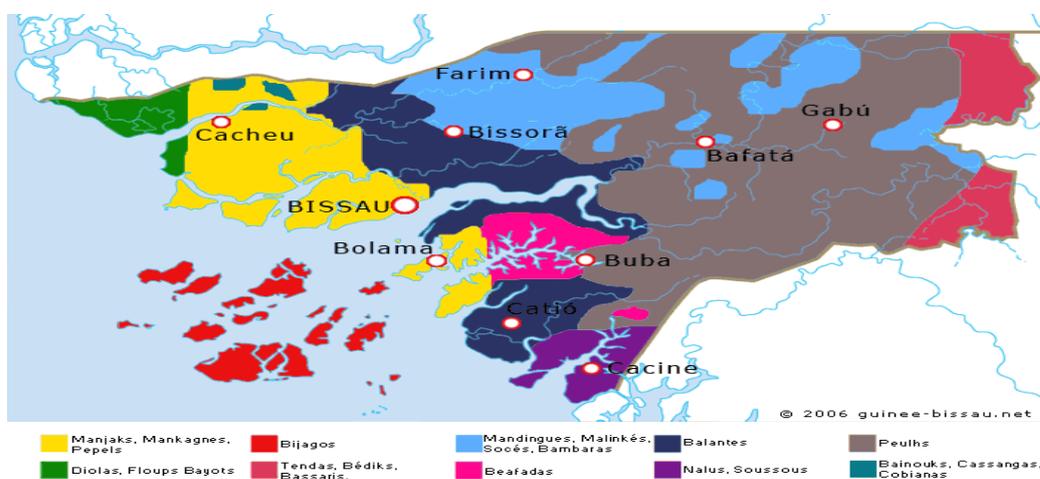
De acordo com Namone, (2020, p. 25), geograficamente a Guiné-Bissau é um país pequeno de 36.125 km², localizado na costa ocidental africana. Faz fronteira ao norte com a República do Senegal, ao leste e ao sul com a República da Guiné Conacri, ao oeste é banhado pelo Oceano Atlântico. Além do território continental, há ainda a parte insular composta por cerca de 80 ilhas, conhecida como Arquipélago de Bijagós, formando a região de Bolama Bijagós.

Quanto a situação histórica e política da Guiné Bissau, o país foi um colono de Portugal durante cinco séculos, até quando o partido para a independência da Guiné e Cabo-verde PAIGC, se mobilizaram para uma luta contra estes invasores, esta luta custou sangue e suor de muitos/as heróis e heroínas guineense, a luta pela independência teve o início em 23 de janeiro de 1963, durou onze anos, e terminou em 1973, ano que culminou com a proclamação unilateral da nossa independência, por camarada João Bernardo Vieira (Nino), no dia 24 de setembro do mesmo ano em *Madina de Bôe*.

Os Portugueses só vieram a reconhecer oficialmente a independência da república da Guiné-Bissau em 10 de setembro de 1974, após a morte de Salazar. Com este feito, a Guiné-Bissau foi a primeira colônia portuguesa no continente ou melhor nas colônias africano a ter a sua independência reconhecida por Portugal. (NAMONE, 2014).

Administrativamente, a Guiné-Bissau se dividida em oito regiões: Bafatá, Biombo, Bolama/Bijagós, Cacheu, Gabu, Oio, Quínara incluindo o Setor Autônomo de Bissau, capital (SAB), e 37 sectores e conta com três províncias, Norte, Sul e Leste, também é importante enfatizar que o país possui uma enorme diversidade cultural, e conta a presença de vários grupos étnicos destaca-se: *Fulas; Balanta; Mandinga; Pepel; Manjaco; Beafada; Mancanha; Sem etnia; Bijagós; Felupe; Mansoanca; Balanta Mané; Nalu; Saracule; Sosso*, (INEC, 2009, p. 21).

Figura-1: Mapa etnográfico da Guiné-Bissau



Fonte: Mapas do mundo⁵

O mapa acima ilustrado, apresenta como os grupos étnicos existentes na Guiné-Bissau referidos acima estão agrupados ou organizados, a representação é feita através das diferentes cores representada no mapa, começando pela cor amarela, esta representa a zona em que se verifica mais a concentração das seguintes etnias: *Manjaco*, *Mancanhe* e *Pepel*. Na cor verde, está representado as etnias como: *Diolas*, *Felupes* e *Bayotes*.

Enquanto que a cor vermelha representa as ilhas que são habitadas pelos *Bijagós*, *Bassaris*. Na cor rosa estão agrupados os *Tendas* e *Bediks*. Na cor azul celeste, estão os *Mandingas*, *Malinkés*, *Socés* e *Bambaras*, mas atualmente por conta da extinção de alguns grupos étnico todos os quatros grupos étnicos se apresentam como *Mandingas*. Na cor rosa pink está representada a zona ocupada pelos *Biafadas*.

A cor azul marinho representa as zonas ocupadas pelos *Brassa* (*Balanta*), o grupo étnico em estudo. Enquanto no roxo estão representados os *Nalus* e os *Soussous*. Na cinza estão os *peulhs* (*Fulas*). E por último os *Cobianas*, *Cassangas* e *Bainouks* vêm na cor azul royal. Acredita-se que muitos grupos étnicos na Guiné hoje em dia se encontram incorporados no outro devido à sua extinção.

É importante apontar que durante o nosso estudo, debruçaremos sobre alguns aspectos importantíssimos da cultura do povo *Brassa* de *Nhacra* que estão intimamente

⁵ Disponível: <https://pt.mapsofworld.com/guinea-bissau/>. Acesso em 22 de novembro de 2021.

ligadas as etapas de formação e as experiências desse povo como uma forma de educação, o povo *Brassa* tem a sua cultura basicamente assentada em três pilares principais que são: Cerimônia de circuncisão na língua *Brassa* é chamado de “*Fó*”, cerimônia fúnebre, chamada na língua *Brassa* de “*Kirrich*” e a cerimônia do casamento, conhecido como *kuwáse* na língua *Brassa*. De acordo com Sai, (2016), há três grandes e principais festas para esse povo que é: *F’balack* (Canta pô), *kusundé* e *Broska*, apesar de não é o nosso foco, mas a realização das cerimônias e outras manifestações cultural acima citado tem tudo a ver com a formação e educação na etnia *Brassa*.

As referidas práticas e manifestações culturais para este povo são muito sagradas por isso, a participação nelas não é de uma maneira aleatória pois dessa forma, por isso pode se vê que a sociedade desse povo está bem organizada e dividida entre diferentes faixas etárias e sexos, antes da abordagem de como as referidas faixas etárias ou etapas de formação está dividida e organizada a partir da realidade dos *Brassa* de *Nhacra* primeiro, apresentaremos no subcapítulo que se segue a origem dos *Brassa* e como surgiu o nome *Balanta*, nome este que tornou irreconhecível, o verdadeiro nome deste povo que é *Brassa*.

1.2. ORIGEM DO POVO BRASSA E A SUA NOMENCLATURA

Neste subcapítulo, abordaremos a origem do povo *Brassa* e como eles ganharam o nome que é chamado hoje por todos que é “*Balanta*”, ainda apresentaremos outros tipos de *Brassa* que existe além dos *Brassa* de *Nhacra* e a sua posição entre diferentes grupos étnicos na Guiné-Bissau. Quanto a origem do povo *Brassa*, de acordo com Namone, (2020), é assim explicado:

O grupo étnico Balanta (BRASSA na língua Balanta) encontra-se localizado na África Ocidental, [...] os estudos sobre a origem dos Balantas são ainda incipientes, fato que exige novas pesquisas. A fonte que tivemos acesso aponta que os arqueólogos creem que o povo que viria a ser os Balantas migrou para a atual Guiné-Bissau em grupos pequenos entre os séculos X e XIV d.C. Durante o século XIX, espalharam-se ao longo da área do mesmo país e ao sul do Senegal, [...]. (NAMONE, 2020, p. 126).

Ainda sobre a origem dos *Brassa*, o autor acima citado informa que segundo a tradição oral entre os próprios *Brassa* fala-se que este povo vem do processo migratório para o oeste africano desde a área onde hoje é o Egito, Sudão e Etiópia para escapar da seca e

das guerras. São majoritariamente agricultores e criadores de gado, principalmente vacas e porcos. O grupo étnico chamado *Balanta*, que se auto nomeia de” *BRASSA*”, geograficamente encontra-se localizado na África Ocidental, especificamente na região que compreende os seguintes países: Guiné-Bissau, Guiné-Conacri, Gâmbia e Senegal. (NAMONE, 2020).

É importante salientar que não existe só um tipo de *Brassa*, na verdade este grupo étnico se encontra dividido em seis (6) subgrupos conforme aponta Namone, (2020).

Os Balantas da Guiné-Bissau são divididos em seis subgrupos: a) Balantas-Cuntohe, ou Balantas Bravos (Brassa Bintohe – na língua balanta); b) Balantas-Nhacra ou Balantas de dentro (Brassa Buungue); c) Balantas-Patch ou Balantas de Fora; d) Balantas-Naga (Binaga); e) Balantas-Mansoanca ou Cunante (Bishane) e f) Balantas-Mané ou Balantas-Bijaa (Brassa Bissonh) – estes últimos foram dominados e submetidos pelos Mandingas do Reino de Káabu à religião islâmica, passando adquirir sobrenome Mané – que pertence à algumas famílias Mandingas, daí o nome Balantas-Mané. (NAMONE, 2020, P. 126).

Apesar da diversidade deste grupo étnico, todos não deixam de ser “*Brassa*”, mas o nosso foco de estudo será os *Brassa* de *Nhacra* ou Balantas de dentro (*Brassa Buungue*⁶). Os *Brassa* da qual se fala, é um grupo étnico que constitui a diversidade cultural na Guiné-Bissau e eles são majoritários, de acordo com o último recenseamento geral da população e habitação, realizado no país pelo Instituto Nacional de Estatística e Censo (INEC), apresenta os grupos étnicos com importância numérica da seguinte forma:

Os *Brassa* “*Balantas*” representam cerca de 26%; *Fulas*⁷ 25,4%; *Mandinga* 13,7%; *Manjacos* 9,2%; *papeis/pepelis*, 9,2%; *Mancanhas/Brames* 3,54%; *Beafadas* 3,2%; *Bijagós*, 2,1%; *Felupes* 1,43%, *Nalús* e *Sossos* 1,2% e outros 34, 5,3%. Os grupos minoritários no país são: *Pajadincas*, *Banhus*, *Bambarás*, *Bagas*, *Cassancas* entre outros em estado de extinção (INEC, 1991).

No que diz respeito a nomenclatura *Balanta*, de acordo com Cammilleri, (2010), esta foi nomeado pelos *Mandingas* quando eles se recusam se submeter ao povo *Mandinga*;

⁶ Buungue, é um termo usado entre os *Brassa*, se refere ao nome de uma ave migrante que canta rápido e canta muito.

⁷ *Fulas*, atualmente são majoritários na Guiné-Bissau, considerando o grande número da população fula que entram no país proveniente da Guiné-Conacri, país vizinho.

esse termo em *Mandinga* se chama *abalanta* que significa: os que não se submetem, os que se recusam a ser governados, rebeldes, homens, o termo ‘*Balanta*’ em língua ‘mandinga’ exprime-se com: *ebalanta*. Decompondo este vocábulo obtém-se: E (eles), *bala* (negar), *nta* (morfema repetitivo) eles continuam a negar, a recusar, a revoltar-se; logo os rebeldes, os indomáveis e os refratários, mais os próprios “denominam-se de *Brassa*” (CAMMILLERI, 2010).

O nome com que é definido um povo é muito importante porque exprime uma forma de comportamento e uma forma de relação na aproximação com outros povos diferentes e que normalmente se conclui com juízo de valor. Nomear quer dizer julgar, classificar e definir. Um nome que um povo dá a si mesmo por vezes pode ser diferente daquele que outro povo lhe dá essa duplicidade de denominação verificou-se no povo em estudo que chamado de “*Balanta*” pelos outros e “*Brassa*” por si mesmo. (CAMMILLERI, 2010, p. 14).

O significado do nome dado aos *Brassa* pelos mandingas na época, vigora até hoje em dia na mente de vários povos ou grupos étnico no país, mas é importante o fato apontado pelo autor cima de que, o nome com que é definido um povo as vezes é diferente daquele que eles se autonomia, no caso do nome *Balanta* e *Brassa*, por isso Dante não, afirmamos que neste trabalho ou pesquisa, utilizaremos o termo ou nome *Brassa* não *Balanta* em todo trabalho como forma de reafirmar e representar o nosso verdadeiro nome não aquele que nos foi dado, e chamado por outros, mas sim pelo nome que autodenominamos na nossa sociedade e realidade social que apresentaremos em seguida a sua organização sócio-político.

1.3. ORGANIZAÇÃO SÓCIO-POLÍTICO DOS BRASSA

Os *Brassa* como qualquer outro povo também têm a sua organização sócio-político, de acordo com Cabral, (1978, apud NAMONE, 2020, p. 128). Os *Brassa* são conhecidos como um grupo étnico cuja a sua organização sócio-política é composta de forma “horizontal”, igualitária, sem hierarquia de poder, isto é, sem um chefe máximo. A sua sociedade é organizada e dirigida pelo conselho dos homens e mulheres grandes, isto é, os anciãos e as anciãs.

No que diz respeito a estes dois grandes conselhos que juntam com a comunidade em geral na resolução dos problemas das tabancas, Sai (2016, p. 27) aponta que estes têm responsabilidades diferentes, onde afirma que o conselho de anciões (*Lante ndan*) estes

têm a responsabilidade maior porque eles “discutem diversos problemas que concernem aos homens, e *tabanca*, tais como: a realização do fanado (ritual de iniciação), o destino da *tabanca*, incentivo dos jovens para a feitura de qualquer manifestação cultural e entre demais competências”.

Enquanto que o conselho de anciões é responsável por discutir inúmeros problemas que dizem respeito a elas e fazem as suas assembleias em função da defesa dos interesses das mulheres, na resolução desses problemas os homens grandes não se envolvem nele, mesmo que seja a mulher de um ancião.

Nos escritos do Cabral, (1978, p.124), ele relata que a sociedade deste povo tem uma estrutura social horizontal porque eles não têm chefe máximo ou régulo.

uma sociedade completamente desprovida de estratificação e onde só o conselho dos velhos da tabanca [aldeia] ou de conjunto das tabancas pode tomar decisões relativas à vida dessa sociedade [...] para eles, a terra é propriedade da aldeia, mas cada família recebe uma parcela necessária a sua subsistência; os meios, ou melhor, os instrumentos de produção pertencem quer a família quer ao indivíduo. Não tem classes por cima umas das outras. [...] Os Balantas não têm chefes grandes, os “tugas” [portugueses] é que lhes arranjam chefes. Cada família, cada moranças tem a sua autonomia e se há algum problema, são os conselhos dos velhos que o resolve, mas não há um Estado, não há nenhuma autoridade que manda em toda gente (CABRAL, 1978, p. 124, apud. NAMONE, 2020, p. 129).

De acordo com autor acima citado, entende-se que a organização sociopolítica dos *Brassa de Nhacra* é diferente dos outros grupos étnicos presentes no país, como caso de *Fulas* e *Mandingas* porque, estes apresentam uma estrutura sociopolítica vertical, ou seja, em forma de pirâmide contém um chefe máximo ou régulo, nobres e subordinados, entidades religiosas, artesãos, comerciantes ambulantes e por último, os súditos os camponeses.

Brassa, *Biafadas* e *Nalus* estes são os grupos étnicos na Guiné-Bissau que apresentam uma estrutura horizontal e acéfalas quer dizer, que não tem a representação hierárquica tipo rei e régulo. Apesar destes três grupos apresentarem uma estrutura semelhante, os dois últimos são islamizados ou são da religião muçulmana e os *Brassa* não pois, eles acreditam nos seus ancestrais, antepassados e na existência de um ser supremo que eles chamam de *N'ghalá* (SAI, 2016, p. 25).

Pois, cabe salientar que a sociedade dos *Brassa* está sentada na base da família e dos valores humanos. Iongna, (2019), afirma que a família é fator primordial da organização de uma sociedade melhor no grupo étnico em estudo, neles o mais velho de uma família é o responsável máximo da sua casa e composição da família não se limita só no pai, mãe e os filhos como podemos ver nas sociedades ocidentais, pois para este grupo étnico a família é composta de pai, mãe, filhos, tios, tias, primos/as, cunhados/as e a comunidade em geral.

Para nós *Brassa* os primos são irmãos/às, tio e tia paterno são considerados pai, de parte materno são considerado de mãe por isso, a educação dos filhos na tabanca é a responsabilidade da comunidade em geral, estes grupos de famílias se habitam numa tabanca (aldeia) que eles chamam de *morança*, é formado por conjunto de casas, nelas habita ou vive um grupo de pessoas como famílias com o mesmo sobrenome ou não, na sociedade dos *Brassa*, em cada tabanca (aldeia) tem um ancião (*Lante Ndan*) que é quem passou pelo ritual de iniciação.

A pessoa considerada ancião de uma tabanca, tem a responsabilidade de organizar a tabanca principalmente para a obtenção de uma boa economia através da produção agrícola de arroz e outros produtos alimentícios e a criação de gado. (IONGNA, 2019, p. 18).

1.4. PRODUÇÃO ECONOMICA DOS BRASSA

No que diz respeito à produção econômica, a referida etnia tem como a principal fonte da renda econômica a produção agrícola de arroz, também a criação de gado, vacas é uma das suas riquezas, também criam galinhas e pescam mais mesmo assim não deixam de produzir outros produtos agrícolas como milho, mancara, feijão e muito mais, a economia é um fator muito importante para a sobrevivência de qualquer que seja a sociedade, o sistema econômico, e o produto interno bruto dos *Brassa* é fortemente tributário do sector agrícola e de outras crias. (NHUTA, 2017, p. 2).

A produção agrícola é principal fonte da renda econômica do povo em estudo *Brassa*, e isso não é só porque eles se habitam mais nas terras baixas próximo dos rios e mares, que proporciona um bom clima e ambiente para uma boa produção e colheita, também se refere a sua boa relação com a terra no plano físico e espiritual ligado a uma divindade espiritual sagrado conforme aponta Namone, (2020).

A relação dos Balantas com a terra funciona, fundamentalmente, no plano espiritual. Não é apenas uma boa condição climática que favorece a produção agrícola (uma boa safra), mas, sim, a mediação estabelecida com o *Aúle ne Quintada* (Irã, ou seja, grande divindade protetora da aldeia). Pois é a mediação com esse *Aúle ne Quintada* que vai garantir a chuva que favorece a produção e, conseqüentemente, uma boa colheita. Por isso, todo o sistema de produção de Balantas-Nhacra inicia-se primeiro por um pedido de proteção feito através de uma prática ritual. Deste modo, antes de iniciar as atividades agrícolas, os homens grandes – os anciãos da *Tabanca* fazem um ritual matando uma vaca, um porco ou uma cabra (bode) para pedir proteção ao *Aúle ne Quintada*, para que haja chuva em abundância a fim de garantir uma boa colheita (safra). (NAMONE, 2020, p. 136).

A relação sagrada que os *Brassa de Nhacra* tem com a terra, eles têm a mesma com o mar e floresta, e essa relação está fortemente ligado, fundamentado e sustentado no plano físico assim como no espiritual, como salienta o autor acima citado, na realidade sociocultural deste povo, essa relação se sustenta principalmente na realização de determinado ritual, dependendo da prática que se pretende realizar.

Por isso, para prática agrícola, se realiza um ritual para *Aúle ne Quintada*, que é uma grande divindade protetora da aldeia, essa cerimônia sempre se realiza no início da época chuvosa entre o mês de maio e junho, a realização desse ritual ou cerimônia é que dá o início ou abertura das atividades agrícola na tabanca e em todas comunidade. (NAMONE, 2020). Produzimos para o sustento da casa, tabanca, morança, principalmente para a realização das grandes cerimônias e práticas culturais que norteiam a rica cultura do povo em estudo, cultura essa que apresentaremos em seguida com as suas práticas e formas de realização na sessão que se segue abaixo denominado a cultura do povo *Brassa*.

1.5. A CULTURA DO POVO BRASSA

Conforme já apresentado, que o objetivo deste estudo é analisar e compreender os valores educacionais presentes na cultura dos *Brassa de Nhacra* a partir das suas etapas de formação como uma forma de educação e aprendizagem presente nas suas próprias experiências, desta forma, neste subcapítulo, pretendo abordar as culturas e os valores educacionais do povo *Brassa de Nhacra*.

Inicialmente, vale salientar que na verdade, existe a definição da cultura a partir de visão ou perspectiva de vários autores ou teóricos considerados como clássicos, que definem a “cultura” sendo assim, chama atenção ao conceito da cultura definido pelo Laraia, (2004, p. 25), que para ele, a cultura seria, “todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”.

Para o Ki-zerbo, (2010, p. 399) a “cultura africana é um sofisticado complexo de fatores”. Para ele, estes fatores não poderiam reduzir-se à uma simples soma numérica, porque os fatos que compõe a rica cultura africana não são meros produtos de mercearia que se alinha e se conta. O autor ainda complementa dizendo que “a cultura africana é tudo aquilo que assume e transcende qualitativamente os elementos constituintes”.

Pois, acredito que a cultura é modo de vida de diferentes povos, comunidades e sociedades, expresso na dança de um povo, na sua culinária, nos seus usos e costumes, as suas crenças religiosas principalmente na língua de um determinado povo. Neste sentido, pretendo trazer abordagem da cultura a partir daquilo que é a realidade do povo em estudo “*Brassa de Nhacra*” na cultura que se encontra emergido.

No que tange a cultura do povo *Brassa* expresso através das suas ricas práticas culturais na verdade são várias mas, neste trabalho pretendo apontar apenas as três pilares principais da realização cerimonial cultural na qual se senta a cultura deste povo, que são: *Fó* conhecido como (Cerimônia de circuncisão), *Kirrich* como (cerimônia fúnebre) e *kuwáse* como (Cerimônia de Casamento), e ainda debruçarei sobre as três grandes e principais festas para esse povo que são: *rib Fibalack* conhecido como festa de (Kanta pô), *kusundé* e *Broska*. vale enfatizar que as suas crenças religiosas também fazem parte da sua rica cultura.

Para tanto, é de salientar que cabe abordagem destes três pilares principais da realização cerimonial e cultural do povo *Brassa*, e as suas três grandes e principais festas e danças neste trabalho porque, a realização das referidas cerimônias e festas carregam uma simbologia importante que se baseia nos valores educacionais presentes na cultura dos *Brassa de Nhacra* a partir das suas etapas de formação como uma forma de educação com grandes aprendizagens presentes nas suas próprias experiências.

Por exemplo a cerimônia de circuncisão compreende a última etapa de formação masculina, e a cerimônia de casamento para as meninas/mulheres é mais importante e sagrado quanto ao cerimonia de circuncisão masculina, e a realização de cerimônia fúnebre está além do plano físico, também contempla o plano espiritual com grandes valores educacionais pois, a realização destas cerimonias compreende os valores educacionais presentes na cultura dos *Brassa* presente nas suas etapas de formação porque, lá a pessoa apreende tudo sobre a vida incluindo como e quando realizar cada uma dessas cerimonias.

E cabe abordagem das três principais festas, justamente para ilustrar os valores presente na cultura deste povo aprendido nas suas etapas de formação, é importante explicar que cada uma dessas danças tem o tempo da sua realização e o seu propósito, e os grupos são formados por elementos de diferentes etapas de formação, a realização dessas danças são momentos de apresentar a comunidade as suas próprias experiencias e os valores apreendidos nas suas diferentes etapas de formação pertencente.

Em seguida, apresentarei as diferentes formas e práticas culturais dos *Brassa de Nhacra* que constitui a sua cultura, começando pelo primeiro pilar cerimonial da cultura do povo em estudo que é chamado na língua dos *Brassa de Nhacra* de (*Fó*), vulgo cerimônia de circuncisão.

A primeira a ser apresentada seria a cerimônia de circuncisão *Fanado* “*Fó*”, que é a última etapa de formação e educação masculina, na realidade dos *Brassa de Nhacra* o comprimento desta fase de educação, completa a educação, virtudes e os valores educacionais presentes na sua cultura a partir das suas etapas de formação como uma forma de educação e aprendizagem presente nas suas próprias experiencias vividas durante a formação.

Então, *Fó* é expressão da etnia *brassa* conhecido em língua português como circuncisão, na língua guineense/crioula da Guiné-Bissau é conhecida como *Fanado* e entre os grupos étnicos que compõe o mosaico cultural guineense, nessa sociedade a dois tipos de “circuncisão ou fanado”, dos meninos/homens e das meninas/mulheres, mas na etnia *brassa* só se realiza o fanado dos homens, a equivalência desse ponto ou prática cultural na mulher se dá ou se concretiza na cerimônia de casamento que é o ponto mais alto do ensino e aprendizagem no processo educativo do povo *Brassa*. (SIGA, 2015, p. 56).

Para esse povo, *Fó* que é a cerimônia de circuncisão é o rito de passagem mais importante na vida dos homens também é a última etapa de formação masculina, ele marca fim e o início da nova etapa na vida, como tornar chefe da sua família, tomar conta da tua própria casa com os seus filhos e mulher, participar das decisões tomada no conselho dos anciões na *tabanca*. (CAMMILLERI, 2010).

Na época da sua realização, é uma grande festa e alegria para os que vão ser submetidos ao ato assim como para os seus familiares e a comunidade em geral, para a cerimônia de circuncisão, ninguém pode ser indicado contra a sua própria vontade, ainda fala que é necessário que o candidato exprima livremente o seu consentimento para participar da cerimônia. (CAMMILLERI, 2010, p.71),

A realização deste cerimônia conta com um mestre cerimonial neste caso um *Lante ndan* experiente que tem a responsabilidade de executar/realizar o ato de circuncisão, também conta com a participação ativa de *Fade Lante* (tio) materno ou paterno do candidato, em colaboração com os que já passaram no ritual que são chamados de “*lambé*”. Como aponta Seide, (2017).

Nesse processo, participa-se o mestre cerimonial, que tem papel de executar a própria prática circuncisiva; e tem outro personagem denominado de LAMBÉ, que assumirá papel de guardião dos recém-fanados, o FADE LANTE (tio); também participa no processo com intuito de proteger o seu sobrinho caso ele estiver participando no processo; participa também os membros de ancião para ensinar os fundamentos do FÓ; por fim é de extrema importância destacar o papel da mulher nesse processo, que vão servir como cozinheiras durante todo o processo. (SEIDE, 2017, P. 48).

Após a passagem de um homem brassa no processo de *Fó*, o seu status social muda, neste caso ele passa a ser “*LANTE NDAN*” que é homem grande, isto significa que ele cumpriu a última etapa de formação na vida do homem brassa, ele passa a ganhar mais respeito e consideração na sociedade e ele passa assumir oficialmente o papel de chefe/guia da sua própria casa e da sua família, com regalia de participar nos conselhos de anciões e responsabilizar da cerimônia de toca choro pequeno e grande, que destacarei na próxima sessão intitulado de cerimônia de toca choro conhecido como “*Kirritch*” na língua *Brassa*. (CAMMILLERI, 2010).

A cerimônia de toca choro, faz parte dos valores educacionais presentes na cultura e realidade dos *Brassa* de *Nhacra*, a responsabilidade e status de uma participação ativa

na realização da referida cerimônia, está no cumprimento da sua educação e formação do indivíduo durante a sua passagem nas etapas de formação, tanto masculino e feminino, as responsabilidades varia de acordo com as experiências tidas e as etapas já cumpridas.

Para tanto, apresentamos em seguida os três principais pilares das cerimônias culturais que constituem a cultura do povo em estudo *Brassa* de *Nhacra*, começando pela cerimônia de toca choro conhecida como “*Kiritch*” na língua *Brassa*.

A segunda a ser apresentada é a cerimônia de Toca Choro “*Rirritch*”, a partir da realidade dos *Brassa* de *Nhacra*, como um valores educacionais presentes na sua cultura como uma forma de educação e aprendizagem presente nas suas experiência vividas nas suas etapas de formação, para nós *Brassa* a cerimônia de toca choro é um ato que mostra a veneração dos vivos aos nossos ante passados e ante queridos a partir da referida cerimônia, para os *Brassa* o ritual de toca choro, ela marca a passagem e encontro do espírito da pessoa que morreu com os ancestrais. No que diz respeito a essa prática cultural conhecida como cerimônia de toca choro, este ritual não está presente somente na realidade do povo brassa, também existe nas outras etnias da Guiné-Bissau como por exemplo *Pepel*, *Mancahe* e *Mandjaco*, também tocam choro.

De acordo com Siga, (2015, p. 53), na tradição do povo brassa, a cerimônia de toca choro ele é realizado quando morre uma pessoa adulto/a, *Lante Ndan* ou jovem, a referida cerimônia na tradição da etnia brassa está dividido em dois tipos que são: *krritch ki ndan* (Quando a pessoa que morreu é um *Lante Ndan* ou já é velho) e *krritch ki sonh* (Quando a pessoa morreu na fase da criança, adolescente ou jovem), para os brassa a morte é apenas a viagem para uma nova realidade, mas a forma de toca choro é diferente, na primeira se vive um grande festa, na segunda uma tristeza enorme, nessa cerimônia vacas e porcos são sacrificados, se for a morte de uma criança tudo é feita no mesmo dia para que passe a tristeza da família e comunidade.

Falando ainda da cerimônia de toca choro na etnia *Brassa*, lembrando que a realização dessa cerimônia tem um propósito na realidade do povo brassa, assim como na de outros povos que a praticam. Reis (1991, 114, apud SEIDE, 2017, p. 51), explica que os nagôs acreditavam que a falta dessa cerimônia impedia o morto de encontrar seus ancestrais, tornando-o um espírito errante, um *Iseki*. Tal como entre os iorubás, baiano devia estar limpo, bonito, cheiroso para o velório, esse último encontro com parentes e amigos vivos.

Na realização da cerimônia de toca choro, às vezes se junta de dois ou mais pessoas da família uma vez, a pôs a realização desta cerimônia, os familiares sentem-se felizes por terem cumprido uma obrigação para com seus ante queridos/as, para o povo *Brassa*, a realização da cerimônia de toca choro, dá descanso, um lugar ao lado dos outros que já tinham partido numa viagem para outra vida, e alegra a alma do ante do morto ou querido. Siga, (2015, p.53).

É importante lembrar que a cerimônia de toca choro apresentada e a do casamento que iremos apresentar em seguida na sessão denominada cerimônia de casamento, conhecido na língua *Brassa* como “*KUASSE*”, são cerimônias orientadas pelos *Lante Ndan*, como apontamos em um dos trechos acima.

Figura-2: Cerimônia de toca choro, *Lante Ndan* Homens grandes tocando Bombolom “*Mbumbour*”



Fonte: NAMONE, (2019)

A imagem acima ilustrada, mostra o momento de toca choro, neste momento todo mundo se emociona e dança no ritmo de sons ou toques que sai dos instrumentos construído com tronco de árvore chamado bombolom falante na língua *Brassa* “*Mbumbour, Tchegli/Finquilim e Dondó*”, estes são três principais instrumentos para realização da cerimônia de toca choro. Tocar estes instrumentos se aprende no cumprimento da última fase de educação que é a cerimônia de circuncisão.

Segundo Namone, (2020) algumas mulheres que passaram nas suas etapas de formação e educação, têm o privilégio de aprender, compreender e saber interpretar a linguagem do bombolom falante chamado de *Tchegli/Finquilim* na língua Brassa, o referido instrumento é usado mais para efetuar uma comunicação entre as diferentes tabancas, por exemplo no ato de cumprimento do ritual de iniciação conhecido como *Fó* na língua *Brassa* e fanado na língua guineense crioulo, para informar aos que estão longe que morreu alguém, que haverá um determinado tipo de festa ou cerimônia na tabanca, que vai haver um casamento entre filho do fulano com o do beltrano.

Geralmente na cerimônia fúnebre este instrumento ele é mais usado para passar informação ou melhor para comunicar, mas para o ato da cerimônia de toca choro, se usa os dois acima citado que são “*Mbumbour e Dondó*”, acompanhado de um instrumento chamado de “*Mbuié*” na língua Brassa, este instrumento ele é de ferro construído pelo ferreiro, e é usado na mão com um anel de ferro no polegar direito ou esquerdo pelas mulheres que está usando-o. Namone, (2020).

Dando a continuidade, agora destacarei a cerimônia de casamento que na língua *Brassa* é conhecida de “*Kuasse*”, a realização da referida cerimonia carrega os valores educacionais presentes na cultura povo em estudo a partir das suas etapas de formação, sendo que o casamento/*kuasse* é uma das etapas de formação feminina mais sagrado e importante, o cumprimento dessa etapa de formação culmina com um momento único na vida da menina/mulher que está se casando que é últimos momentos de aconselhamento.

Em seguida, apresentaremos a cerimônia de casamento conhecida na língua *Brassa* como “*Kuasse*”, conforme a realidade dos *Brassa de Nhacra*.

1.6. CERIMONIA DE CASAMENTO “KUASSE”

Para tanto, Cerimônia de casamento que na língua *Brassa de Nhacra* é chamado *Kuasse*, basicamente na sociedade eurocêntrica ou moderna o casamento, ela se refere a união de dois corpos/seres humanos, de diferente ou mesmo sexo, lembrando que é bom respeitar o casamento homossexual que hoje já existe como afirma Ghislane, (2016). que:

De modo geral, o casamento costuma ser definido como uma união entre um homem e uma mulher, e os filhos que nascem dentro desta relação, reconhecidos como legítimos pela sociedade. Nessas definições o casamento entre pessoas do mesmo sexo ou casamento homossexual não é está incluído no modelo universal do conceito do casamento. Muito menos o casamento plural no qual um homem pode

se casar com várias mulheres nas sociedades tribais (GHISLANE, 2016 p.41).

Mas na realidade cultural da etnia *Brassa*, principalmente *Brassa de Nhacra* o casamento é mais que uma simples união de dois corpos (homem e mulher) com desejos de ter filhos e formar uma família, também é mais que um simples contrato como pode-se ver na realidade ocidente ou na sociedade moderna, mas sim, o casamento é união das duas grandes famílias, na presença dos ancestrais, deuses, espíritos, das tabancas, morança e comunidade em geral isso faz do casamento um ato sagrado. (SIGA, 2015, p. 59).

Na verdade, o casamento na referida etnia se dá a partir de processo de conversas e negociação entre a família do pretendente neste caso marido, com a de pretendida que é a mulher, esta negociação é conduzida pela representação das diferentes famílias nas pessoas de chefes da família, nesta negociação nunca falta *sida* (Vinho ou Cachaça), estes encontros acontecem até quando na negociação a senso comum entre as partes. (SEIDE, 2017).

A partir daí a data do casamento é marcado, onde os familiares do marido pagam o dote cobrado por parte da família da mulher, geralmente são porcos, cabras, vários tipos de bebidas, diferentes tipos de tecidos, etc. a realização desta cerimônia é feita como manda os costumes da etnia, famílias e comunidade. Conforme Anura Makann, (2008, apud SEIDE, 2017, p. 49), detalha a forma como acontece o referido ritual de casamento na etnia brassa explicando que:

A cerimônia começou às sete da manhã. Os parentes já haviam passado a noite inteira em festa. Dentro da casa a noiva recebe os conselhos das "mulheres grandes" (as mais velhas), conselhos este, que ensina como deve comportar se, seus deveres e direitos de esposa. A noiva sai às dez da manhã e é levada a um "barraco" onde as 'só as mulheres grandes entram e primeiramente raspam seus cabelos, dão banho na noiva, a seguir a envolvem com um tecido branco e outro azul. Ao terminar ela retorna para dentro da casa toda coberta para que ninguém a veja. À tarde se dirige até a porta, onde um "homem grande", do lado de fora, faz toda uma cerimônia que se chama "casamento na porta". Os casamentos são realizados geralmente entre pessoas da mesma etnia. (ANURA MAKANN, 2008, apud SEIDE, 2017, p. 49).

A cerimônia de casamento na etnia *Brassa* além de ser uma enorme festa que traz a alegria a comunidade, aos pais e familiares dos casados, aos espíritos e ancestrais, ela é muito importante na vida de um homem e mulher brassa, na mulher o casamento é a etapa

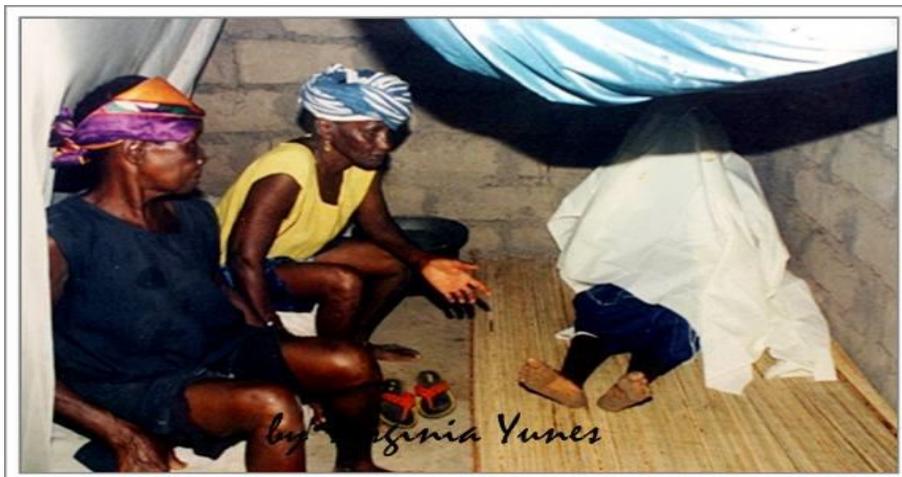
de formação mais importante na vida dela, além de mudar os seus status social também lhe dá os prestígios de participar ativamente na vida políticas e nos assuntos da comunidade que as mulheres têm direito de resolver, essa etapa ou fase constitui a última fase do processo de educação feminina na realidade dos *Brassa*, e ela é tão importante quanto a última face da formação masculina que é a cerimônia de circuncisão, nela as meninas ou mulheres em processo recebem vários conselhos dos anciãos como forma de completar o processo de educativo.

De acordo com Cammilleri, (2010), neste momento de ensinamento, as anciãs dão os seguintes conselhos a *Iegle* (noiva):

Não quero ver-te mais na companhia de jovens, porque tu és grande. Na língua brassa se diz assim: Hu ka hal ndan. Fica com as tuas colegas porque és uma pessoa nova. Língua brassa: Hu ka hal hani. Não faça o mal. Língua brassa: Kam iaa Gil gohw. Não invejes. Língua brassa: Kam ñieta halolo. Cumpre bem as tuas obrigações. Língua brassa: Akcialte reinni iaa-e. Vive em harmonia com o teu marido. Língua brassa: Ksuma ki alante. Educa os teus filhos segundo a tradição. Língua brassa: Dogna nbwi-de akcialté san ni brssa sani. Cammilleri, (2010, p. 49).

É de salientar que na verdade são muitos e vários conselhos dada a uma noiva *Brassa* pelas anciãs, estes conselhos, são os conhecimentos que uma mulher brassa carrega a vida toda, ainda estes conselhos lhe servem de guia no seu casamento e também são as regras ou normas que rege a sociedade e os seus grupos de pertence, nesse processo a mulher em processo de casamento ou melhor noiva, ela também recebe das anciãs os conselhos e os ensinamentos que vão lhe proporcionar os conhecimento que dão direito de participar na tomada de decisões é uma participação na realização de grandes práticas culturais da comunidade como por exemplo nas práticas religiosas ou nas realizações dos cultos sagrado que em seguida apresentaremos na sessão denominado “Crença religiosa dos *Brassa de Nhacra*”.

Figura-3: Cerimônia de casamento, momentos de ensinamento dos anciões com a noiva.



Fonte: <http://virginia-yunes.blogspot.com/p/guine-bissau.html>

A imagem apresentada acima, mostra um dos momentos mais importante da cerimônia de casamento na realidade dos *Brassa*, que é o momento de últimos ensinamentos das anciãs a noiva, fala-se que neste momento as mais velhas completam os encanamentos ou educação que a mulher/menina tem recebido durante o seu processo de educação nas diferentes etapas de formação feminina. Em seguida, apresentaremos a crença religiosa dos *Braças* de *Nhacra* como uma das suas práticas culturais.

1.7. CRENÇA RELIGIOSA DOS BRASSA DE NHACRA

Por último, apresentaremos a crença religiosa na etnia *Brassa* em especial *Brassa* de *Nhacra*, esta crença está intimamente ligada ou baseado nos princípios da religião tradicional africana que é de estabelecer e manter uma relação com os seus ancestrais e os espíritos dos seus antepassados.

A realização desta cerimonia também compreende e depende dos valores educacionais assimilada no processo educativo a partir das suas etapas de formação como uma forma de educação e aprendizagem presente nas suas próprias experiências.

Na realidade do povo em estudo, não é qualquer pessoa que estabelece a intermediação com o ser supremo “*N’HALA*”, neste caso se for o homem seria, alguém com status de um homem circuncisado, “*Lante N’dan*”, mulher *Anin N’dolo* “anciã”, alguém com estes status é que tem a responsabilidade de comunicar e intermediar entre

ser supremo e os vivos, lembrando que estes status são alcançados durante a passagem pelas diferentes etapas de educação e formação.

O povo *Brassa* de *Nhacra* têm a consciência da existência de um ser supremo, antes da chegada dos colonizadores, pois para o povo em estudo, há um ser supremo criador de tudo e para eles este ser supremo é chamado de *N'GHALÁ*. Como aponta Cammilleri, (2010).

[...] Uma das palavras mais repetidas pelos BRASSA é: N'HALA que indica o Ser Supremo, que é em si mesmo a razão da sua existência e da sua ação, que é a origem dos outros seres que compõem o universo; a expressão "N'HALA IAN KITTE MINA" (N'HALA fez sair todas as coisas) é, para os BRASSA, sinônimo de Deus criador. (CAMMILLERI, 2010, p. 99).

Este ser supremo é muito importante na vida dos que estão vivos quanto na dos que já morreram pois para eles, a morte é a passagem deste mundo dos vivos para o mundo dos mortos, antepassados e dos ancestrais, eles prestam culto a um ser supremo que é chamado de *NGHALÁ*, aos seus antepassados e os seus ancestrais.

Para os *Brassa*, os seus antepassados que já morreram, estes têm um papel de suma importância na sociedade destes povos, porque estes que já não estão mais neste mundo de vivos, eles são os intermediários entre nós no mundo dos vivos com o ser supremo, por isso estes são sempre invocados nas diversas cerimónias deste povo como sendo o elo de ligação entre nós e o ser supremo, na sociedade dos brassa existe as pessoas que têm a capacidade de movimentar os espíritos estes são chamados de "*Bisiki/Sie*", em português quer dizer "adivinho ou oráculo" em crioulo "*Djambakus*". (Cammilleri, (2010, p. 84).

Estes são importantes na sociedade do povo brassa porque, a "*Bisiki/Sie*" que uma família representada pelas pessoas adultas recorre quando um dos membros estiver doente, "*Bisiki/Sie*" movimenta os espíritos com uma cabaça na frente jogando alguns objetos ou buísses em busca do motivo de doença da pessoa e a forma de curá-lo, como explica Cammilleri, (2010).

A mulher e homem BRASA adultos tornam se capazes de atuar no domínio religioso quando sabem tratar KBELE NI SIE (kabás do adivinho) isto é, orecipiente que contém pedrinhas ou pequenas conchas, ou outros pequenos objetos que, percutidos em partes do corpo, ou agitados e lançados ao chão, emitem sons e distribuem se com formas que o adivinho sabe interpretar. O SIE, do verbo sua (esconder),

é a pessoa que vê realidades escondidas a todos os outros e com elas comunica, mas SIE é também curandeiro, o sábio e o habilidoso. Por todas essas características o SIE por meio de KBELE não só descobre as causas dos problemas e dos males que afligem as pessoas a família e até os animais, mas têm também a sabedoria para resolver os problemas e as capacidades mágicas de curar os males, inspirando-se nos antepassados com os quais comunica, manipulando elementos da natureza com propriedades medicamentosas, apaziguando as forças vitais e os espíritos que possam ter provocado os males ou empurrando os contra quem tivesse provocado grandes males ou constitua um perigo para a comunidade e os seus membros (CAMMILERI, 2010, p. 84).

Na comunidade do povo *Brassa*, a responsabilidade dos *Bisiki/Sie*, são enormes porque eles não são consultados só quando uma pessoa na comunidade ficou doente, mas sim para realização de qualquer que seja cerimônia, festa e para tudo que a de ser organizado na tabanca inclusive o ritual de circuncisão. (CAMMILLERI, 2010).

É de salientar que hoje em dia, o povo *Brassa* se encontra em grande número nas igrejas evangélicas e católica, mas mesmo assim alguns não deixam de participar das suas cerimônias ritualísticas. Em seguida, tratarei em suma as três grandes e principais festas/danças para esse povo que são: Rib Fibalack conhecido como festa de (*Kanta pô*), *kusundé* e *Broska*.

1.8. FESTA DE KANTA PÔ “RIB FIBALACK”

No que diz respeito a “*Kanta pô*” que na língua *Brassa* de *Nhacra* é chamada de “*rib fibalack*”, literalmente em português significa “cantar pau”. De acordo com Sai, (2017), a referida dança é atividade exclusiva do protagonismo de um grupo de jovens pertencentes a penúltima etapa no caso a (sexta) etapa de educação e formação masculina chamada de “*Blufu bindan*”, de uma determinada *tabanca*, efetivamente essa dança se organiza na preparação deste grupo de jovens para o comprimento da última etapa de educação e formação que é o fanado/circuncisão, *Fó* na língua *Brassa*, com relação ao surgimento ou origem da referida dança no ceio do povo em estudo, o autor acima mencionado fala o seguinte:

Segundo a narrativa popular, o *kanta pô* surgiu de uma discussão de dois colegas de infância que dizia um ao outro: “tenho mais habilidade de cantar em relação à ti”. Estes efetivamente tiveram essa discussão na fase de *n’ghaie* e decidiram competir no momento da ida ao fanado para saber quem ganharia, mas por fim empataram. Entretanto, foi um duelo que efetivamente ficou na memória das pessoas, pois na quele dia os espectadores viram coisas inacreditáveis

no que concerne as músicas cantadas e a dança executada, visto que no mesmo dia os competidores cantaram e executaram uma dança até então desconhecida na qual se exibiam poderes sobrenaturais. (SAI, 2017, P. 49).

Na mesma ordem de ideia, Sai, (20017), fala que, os competidores ou vilões do evento da dança, eles são apoiados pelos familiares e amigos, fato que lhes permitem possuir poderes extraordinários para usar na disputa afim de ser o vencedor, ainda fala que a organização desse evento é da responsabilidade dos anciãos e os anciães da tabanca, quanto aos ensaios, faz-se somente no período da noite considerando as suas ocupações em diferentes atividades durante o dia, no dia da sua realização, o *kanta pô* começa às 12h e termina as 18h:, durante quatro dias consecutivo em que se canta e dança na frente do público, os seus dançarinos vestem couro de animal vaca ou lobo e nas mãos segura rabo da vaca ou do lobo consagrado por um adivinho exclusivo para os vilões da dança. Em seguida, apresentarei um pouco da dança de *kusundé* que é uma das três grandes e principais festas/danças do povo em estudo.

1.9. DANÇA DE KUSUNDÉ

De acordo com Nhuta, (2017, p. 29). “*Kusunde*” tem origem na língua *Brassa* (*Balanta*), essa expressão significa “viola”, esta é uma das principais festa deste povo, normalmente, a referida festa se organiza e praticada no ano em que houve boa produção e colheita principalmente de arroz, a festa geralmente se organiza com proposito, primeiro é unir o povo e fazer amizade entre eles e os da outra tabanca.

Para Cammilleri, (2010, p. 66), a realização da festa/dança, não é apenas para se unir, fortalecer laços de amizade, mas sim também para agradecer aos encenais pela proteção na tabanca e aos deuses da produção e da fertilidade pela boa colheita.

Pois além desses propósitos, a dança é uma competição entre diferentes grupos de jovens, e os “*N’ghayes*” sempre são os principais, ou os mais esperados por isso, eles dançam último, estes são grupo de jovens que pertence a quinta etapa de educação e formação masculina que veremos em seguida no terceiro capítulo. Sendo assim, para melhor compreender como essa festa/dança se realiza, Nhuta, (2017) relata que:

Geralmente é organizado pelos jovens da tabanca sob proposta de “*Nghayes*”, grupo de jovens quase da mesma idade selecionados para submeter a prática cultural, os quais usam vestuários velhos e panos de saco, também com todo corpo coberto do pó da terra (lama). Na ocasião,

os jovens dividem-se em grupos para dançar. O grupo de “Nghayes” é o principal e que dançam por último. Na referida festa, acontece as vezes o desafio de tabanca contra outra e também dentro da mesma tabanca, dividem-se entre “recrutas” nome emprestada da língua portuguesa que refere ao soldado militar, este nome é usado para referir o novo grupo de “Nghayes”; e “Kinda” é usado para referir o velho grupo de “Nghayes” segundo o sentido do próprio nome que quer dizer “velhos”. A palavra “Nghayes” tem a sua origem na língua balanta que tem o sentido de “temperamento sanguíneo”. (NHUTA, 2017, P. 29).

Sai, (2017, p. 36), aponta que esta dança geralmente é organizada entre os meses de abril, maio e junho, considerando o término das suas atividades, os *Blufu bindan* são enviados a tabanca vizinho para fazer o pedido da realização do *kusundé*, se for confirmado juntos, eles definem as regras e os critérios da sua organização, depois estes jovens voltam com a notícia a partir daí, inicia-se os preparativos inclusive os ensaios são durante a noite. Por último, destacarei a dança de *Broska* que também é uma das três principais dança do povo em estudo.

1.10. DANÇA DE *BROSKA*

No que se refere a terceira e última dança/festa do povo Brassa que é a dança de *Broska*, esta é um estilo de dança ou melhor ritmo de dança que constitui uma das nossas praticas culturais, de acordo com Nhuta, (2017, p. 30), a expressão “*broska*” na língua *Brassa (Balanta)* quer dizer “torcer” (fazer girar sobre si ou enroscar), essa dança que hoje representa a cultura *Brassa* ela foi fundada em uma tabanca chamada “*Inxalê*”, na região de Oio, setor de *Mansôa*, aproximadamente no ano de 1978 por um grupo de nome “*Bamaquite*”, e tem como objetivo unir povo e fazer mais amizade.

Quanto a dinâmica de *Broska* ou melhor a sua forma de organização, de acordo com Sai (2017, p. 59), a dança de *Broska* se organiza entre os jovens da mesma tabanca ou morança, quando tem uma menina hospede, e também quando um lavrador convida outros lavradores de uma outra tabanca/morança para lhe ajudar com trabalho no seu campo, em uma destas ocasião, costuma-se organizar a dança de *Broska* no último dia do trabalho como uma das formas de agradece-los pelo bom trabalho que tinham feito, para o ato, muitos animais são sacrificados como: porcos, cabras e galinhas, com isso grande quantidade de comida é preparado para os dançarinos e não dançarinos.

Para melhor organização, a *Broska* não se dança em qualquer tempo, pois geralmente ela se inicia no mês de dezembro, quanto ao seu horário de começo, ela varia e pode começar a tarde a á noite, a dança acontece por meio de um círculo limitado e composto por quatros dançarinos dois meninas e dois meninos em cada saída no palco criado dentro do círculo.

Na ocasião da sua dança, as meninas usam somente um pano que cobre do peito para baixo e nos tornos joelho usam cocos de mangas com as pequenas pedrinhas dentro, e os meninos usam trajes das suas etapas/fases de educação. (SAI, 2017, P. 60).

Sendo assim, no próximo capítulo, será abordado a educação dita formal e a educação tradicional africana, nessa abordagem apontamos vários conceitos que definem e diferencia as duas modalidades da educação.

2. CAPÍTULO: II- EDUCAÇÃO FORMAL E A EDUCAÇÃO TRADICIONAL AFRICANA

Neste capítulo não será abordado ou apresentado só a educação formal e a educação tradicional africana, também apontarei um pouco do que é educação não formal, e um pouco do que seria a educação na Guiné-Bissau, buscamos compreender melhor o processo educativo que se dá a partir dessas realidades educativas, na perspectiva de alguns teóricos.

Brandão, (2007, p. 7), afirma que “Ninguém escapa da educação. [...] Para saber, para fazer, para ser ou para conviver, todos os dias misturamos a vida com a educação”. Isto mostra que todos seres humanos enquanto vivo, não escapa do processo de educação e aprendizagem algo que acontece na rua, casa, escola, cidade, tabanca “aldeia” ou em qualquer lugar onde há dois ou mais seres vivos.

Nas reflexões do Freire, (1979), vê-se que seria impossível pensar educação sem pensar o homem no centro desse processo de aprendizagem e as suas próprias experiências vividas, para isso ele afirma que:

Não é possível fazer uma reflexão sobre o que é educação sem refletir sobre o próprio homem. [...] começemos por pensar sobre nós mesmos e tratemos de encontrar, na natureza do homem, algo que possa constituir o núcleo fundamental onde se submete o processo de educação. Qual seria este núcleo palpável a partir de nossa própria experiência existencial? Este núcleo seria o inacabamento ou a inconclusão do homem (FREIRE, 1979, p. 27).

Na perspectiva do Freire acima apontado, não podemos pensar a educação sem ter uma reflexão sobre nós mesmo, a partir da nossa natureza de ensinar e aprender ao mesmo tempo, porque o ser humano é um ser incompleto, inacabado que se encontra em processo de aprendizagem constante porque todos dias aprendemos algo.

Brandão, (2007, p. 11), considera a educação como o algo ou processo que ajuda a pensar e formar diferentes tipos de homens, mais do que isso, ela ajuda a cria-los, através de passar uns para os outros ao saber que o constitui e legitima. Ele ainda afirma que a educação ajuda na produção de um conjunto de crenças e ideias, de qualificações e especializações que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto constroem diferentes tipos de sociedades.

A educação é algo que através da qual as diferentes sociedades vão se construir com diferentes modos de vidas, porque ela acontece em tudo lugar e de diferente maneira, formas ou modo de vida de cada família, sociedade e comunidade. Conf. Brandão, (2007).

A educação é, como outras, uma fração do *modo de vida* dos grupos sociais que a criam. e recriam, entre tantas outras invenções de sua cultura, em sua sociedade. Formas de educação que produzem e praticam, para que elas reproduzam, entre todos os que ensinam-e-aprendem, o saber que atravessa as palavras da tribo, os códigos sociais de conduta, as regras do trabalho, os segredos da arte ou da religião, do artesanato ou da tecnologia que qualquer povo precisa para reinventar, todos os dias, a vida do grupo e a de cada um de seus sujeitos, através de trocas sem fim com a natureza e entre os homens, trocas que existem dentro do mundo social onde a própria educação habita, e desde onde ajuda a explicar - às vezes a ocultar, às vezes a inculcar - de geração em geração, a necessidade da existência de sua ordem. (BRANDÃO, 2007, P. 10-11).

A definição de educação na concepção do Brandão acima citada, reafirma a ideia de que a educação ou aprendizado acontece em qualquer que seja lugar, espaço e de diferente forma ou maneira dependendo da sociedade e comunidade, sendo assim, admito que a formas/maneiras de educar, modo de educação desenvolvida nas diferentes comunidades/aldeias e na realidade do povo *Brassa* em estudo é diferente da forma que acontece a educação ocidental.

Rego, (2018, p. 4), fala que a “educação é o processo que visa orientar o educando para um estado de maturidade que o capacite a encontrar-se conscientemente com a realidade, para nela, atuar de maneira eficiente e responsável” [...].

Ainda definindo a educação, Freire, (1987, P. 47), afirma que [...] “a educação não é uma doença ou uma imposição, um conjunto de informações a ser depositado nos educandos, mas sim uma revolução organizada, sistematizada ao povo” [...].

Segundo Oliveira, (1989, p. 31). [...] “a educação é um algo que se apresenta como um desafio para educador e educando, um desafio que é a própria realidade composta de situações problema, de inquietações, de angústias e de aspirações do grupo. Isto constitui a matéria prima do processo educacional”.

Para Sampaio, Santos e Mesquida, (2002, p. 2), “a educação é aquilo que alguém conquistou ao fim de um processo em que interagem a prática e a teoria, a teoria e a prática, a ciência e a técnica o saber e o fazer, [...] a educação ainda se apresenta como um elemento fundamental da construção da comunidade e da subjetividade.”

Cascais e Terán, (2014, p. 1), afirmam que “a educação, geralmente, prepara o ser humano para o desenvolvimento de suas atividades no percurso de sua vida”.

Se educação é tudo isso que apresentamos acima a partir da concepção de alguns teóricos como pode-se ver, então em seguida busca-se entender também em suma o que poderia ser considerado a educação formal, sendo ela uma parte ou modalidade da educação, sendo assim, destaco essa modalidade de ensino de acordo com a definição de alguns teóricos.

De acordo com Rego, (2018, p. 7), a educação formal, é uma modalidade de ensino que para sua realização é preciso mais que um educador e educando:

Esta modalidade de educação realiza-se nas escolas e nas universidades, sendo por isso designada ainda por educação escolar, é metodicamente organizada seguindo um currículo, regras e leis de âmbito nacional, dividida em disciplinas e classe de conhecimento, é uma modalidade de educação que culmina com a obtenção de certificado de habilitações. Nesta modalidade de educação quem educa é o professor num ambiente normalizado com regras e padrões comportamentais previamente definidos, com principal preocupação de ensinar conteúdos historicamente sistematizados e normalizados por leis, o tipo de aprendizagem que se destaca nesta modalidade é a aprendizagem receptiva, na qual cabe ao professor elaborar e transmitir conhecimento ao aluno. (REGO, 2018, p.7).

Na afirmação dos autores acima citado, entende-se claro que a educação dita formal ou escolar, nessa modalidade ou processo de ensino, o conhecimento se passa só a partir e através do professor num determinado lugar “sala de aula” com um formato específico dentro de quatro paredes, ainda percebesse que essa modalidade de ensino busca a concretização de um determinado objetivo que é a obtenção de uma certificação no final.

Para Cascais e Terán, (2014, p. 3), a educação formal é um processo metodicamente de ensino organizada que segue um currículo, esta é dividida em disciplinas, anos, idades, níveis de ensino e conhecimento, regras e leis.

Para Gohn, (2006, p. 29), na educação formal ocorre o processo de ensino e aprendizagem dos conteúdos historicamente sistematizados, normatizados por leis, e esta objetiva formar o indivíduo como um cidadão ativo, desenvolver várias habilidades e competências.

Na mesma ordem de conceituação da educação formal, pode se vê outro termo ou conceito que define essa modalidade educacional a partir do Rego, (2018, p. 9), esta, vai dizer que “a educação formal pode tornar o indivíduo um cidadão reflexivo e crítico na sociedade, a partir do ensino de conteúdos historicamente sistematizados e normatizados”. Em seguida apresentarei a educação não formal.

Apresentando educação não formal, enquanto uma das modalidades da educação, Cá, (2008, p. 30), expressa que “educação, no seu sentido mais amplo, são muitas, entre as quais é apontada a educação não-formal, que vem ocupando um espaço significativo” [...], porém, afirma que “A educação não-formal se caracteriza por ser uma maneira diferenciada de se trabalhar com a educação, o que ocorre paralelamente à escola”.

Rego, (2018, p. 8), afirma que a educação não formal “é aquela que se realiza fora da jurisdição escolar como suplemento a educação formal e não culmina com a obtenção de um nível acadêmico ou diploma oficial”.

Enquanto que para o Gohn, (2006, p. 28), a educação não formal é aquele processo de educação que acontece em ambientes, lugares construídos e considerado apropriado pala comunidade, grupo ou pessoas envolvidas no processo de ensino e aprendizagem conforme as regras, normas, leis e diretrizes do referido grupo ou comunidade envolvida no ato de compartilhamento das experiências e troca dos conhecimentos. o autor ainda reafirma que “educação não-formal é aquela que se aprende “no mundo da vida”, via os processos de compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivos cotidianas, e que este modelo de educação capacita os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo”.

Nas perspectivas de Cá (2008, p. 32), o processo de ensino e aprendizagem da educação não-formal, os educadores têm o objetivo de tornar os aprendizes especialistas e mestres em vários profissão, como, por exemplo ser um grande ou melhor mestre na caça, pesca, ferraria, tecelagem, extração de vinho de palmeira e/ou óleo de dendê, confecção de arado para lavoura, construção de canoas, tocador de instrumentos como *bombolom* nas cerimônias fúnebres, construção de instrumentos musicais, contador de histórias, entre outras.

Ainda dá para ver um outro conceito da referida modalidade educacional a partir de um outro olhar, pois o Gohn, (2009), vai conceitualizar o modelo de educação em estudo como um processo de ensino e aprendizagem que compreendem várias dimensões, campos, áreas e habilidades.

A educação não-formal designa um processo com várias dimensões tais como: a aprendizagem política dos direitos dos indivíduos enquanto cidadãos; a capacitação dos indivíduos para o trabalho, por meio da aprendizagem de habilidades e/ou desenvolvimento de potencialidades; a aprendizagem e exercício de práticas que capacitam os indivíduos a se organizarem com objetivos comunitários, voltadas para a solução de problemas coletivos cotidianos; a aprendizagem de conteúdos que possibilitem aos indivíduos fazerem uma leitura do mundo do ponto de vista de compreensão do que se passa ao seu redor; a educação desenvolvida na mídia e pela mídia, em especial a eletrônica. (GOHN, 2009, P. 31).

Na citação acima, percebe-se que nesta modalidade educacional, o indivíduo não é ensinado ou capacitado para melhor conhecer e compreender o mundo e o meio ambiente que o rodeia, e não aprende para agir por seu próprio benefício ou melhor por conta própria, mas sim ele enquanto um ser coletivo aprende em grupo com grupo, e aplica a sua aprendizagem para no grupo em prol e bem estar de todos/as.

Para Gohn (2006), a educação não formal é um método que nasce a partir de problematização da vida cotidiana, e essa educação “visa à formação integral dos indivíduos” na sociedade em que se encontra inserido. A autora acima referida, ao discutir os resultados que a educação não formal pode produzir afirma o seguinte que nessa modalidade de na educação pode-se desenvolver o seguinte:

Consciência e organização de como agir em grupos coletivos; A construção e reconstrução de concepção(ões) de mundo e sobre o mundo; Contribuição para um sentimento de identidade com uma dada comunidade; Forma o indivíduo para a vida e suas adversidades (e não apenas capacita o para entrar no mercado de trabalho); quando presente em programas com crianças ou jovens adolescentes a educação não-formal resgata o sentimento de valorização de si próprio (o que a mídia e os manuais de autoajuda denominam, simplificada, como a autoestima); ou seja dá condições aos indivíduos para desenvolverem sentimentos de autovalorização, de rejeição dos preconceitos que lhes são dirigidos, o desejo de lutarem para ser reconhecidos como iguais (enquanto seres humanos), dentro de suas diferenças (raciais, étnicas, religiosas, culturais, etc.); os indivíduos adquirem conhecimento de sua própria prática, os indivíduos aprendem a ler e interpretar o mundo que os cerca.(Gohn, 2006, P. 30-31).

A musicalidade ou música, por suas características ela tem sido considerada um grande espaço de desenvolvimento da educação não-formal, considerando a sua linguagem universal com potencialidade de atrair a atenção de todas faixas etárias. (GOHN, 2003).

Em seguida, apresentaremos também um pouco do que é educação tradicional africana, mas antes, é de salientar que estamos utilizando o termo “educação tradicional africana” simplesmente para ilustrar a educação ou processo educativo numa perspectiva além do que é apresentado acima, buscando nela ilustrar o processo educativo ou educação que se dá na África em especial na Guiné-Bissau e de uma maneira singular na realidade do povo em estudo.

No entanto, nos escritos de Silva, (1996, 1998, 2000, apud SILVA, 2010, P.181), afirma que entre os africanos, o termo educação ela é utilizado para referir-se ao conhecimento, valor e postura [...]. Segundo Tedla, (1995 e MAIGA, 1998, apud SILVA, 2010, P.181), a palavra educação, não existe nas línguas tradicionais africanas, ainda fala que este termo entra em África com as escolas tais como concebidas, organizadas e implantadas pelos europeus.

Sedo assim, considerando todas afirmações conceituais da educação acima apontado, entre o que seria a educação, educação formal e educação não formal, compreendendo tudo isso, também busca-se entender o que seria a educação tradicional africana e como se dá essa modalidade de ensino.

A educação tradicional africana é um processo educativo que começa em casa por meio da oralidade, através de contação das histórias, nos contos, provérbios, em diferentes cerimônias como, como de casamento, toca choro, e ritos de iniciação, músicas e diferentes danças e manifestações que compreendem os valores educacionais presentes na cultura dos *Brassa* de *Nhacra* a partir das suas etapas de formação como uma forma de educação e aprendizagem presente nas suas próprias experiências.

Na busca dessa compreensão entende-se que, existe uma diferença entre o último modelo educacional apontado e os primeiros acima referidos, como destaca Cá Cristina (2015), afirmando que a uma diferença entre o processo educativo considerado educação formal, e a educação tradicional africana principalmente na Guiné-Bissau, nesta ordem de ideia ela relata que:

Além dos pais, no caso dos meninos, e das mães, no caso das meninas, as irmãs ou os irmãos também são vistos como referência para essas crianças, sem esquecer que também outros adultos da família podem participar desse processo de ensino e aprendizagem, visto que se tem a informação de que o pai ou a mãe não são as únicas figuras que podem dar instrução aos filhos, toda a família também pode orientar os iniciantes de vez em quando. Essa talvez seja uma das grandes diferenças que existem entre a educação tradicional africana e a educação formal de base europeia: essa união familiar e essa prática sistemática de educar as crianças é o que garante a assimilação desse conhecimento. (CÁ CRISTINA, 2015, p. 186).

Considerando afirmação acima referenciada, entende-se que a diferença no processo de ensino e aprendizagem que a autora se refere, se baseia no fato de que a responsabilidade do ensino e aprendizagem das crianças neste caso, menino e menina na educação tradicional africana principalmente na Guiné-Bissau não é só da responsabilidade dos pais mas sim, também tem sempre um irmão/a, primo/a adulto/a que pode influenciar por bem ou por mal no processo de aprendizado do educando, sem esquecer o fato de que nessa realidade a educação ou a sistematização dos conhecimentos de uma criança pertence a comunidade em geral não só a família. De acordo com Hampaté Bâ, nos seus escritos de (1980) fala que:

A educação tradicional começa, na verdade, no seio familiar, onde o pai, a mãe ou as pessoas mais idosas são ao mesmo tempo mestres e educadores e constituem a primeira célula dos tradicionalistas. São eles que ministram as primeiras lições de vida, não somente através da experiência, mas, também por meio de histórias, lendas, fábulas, máximas, adágios, etc. Os provérbios são as missivas ligadas à posteridade pelos ancestrais, existe uma infinidade deles (...). O ensinamento não é sistemático, mas ligadas às circunstâncias da vida. Este modo de proceder pode parecer caótico, mas, em verdade, é prático e muito vivo. A lição dada na ocasião de certo acontecimento ou experiência fica profundamente gravada na memória da criança. (HAMPATÉ BÂ 1980, p. 194).

Na citação acima, entende-se claro que a educação começa em ambientes familiares e não se acontece somente nas instituições escolares, os mais velhos, anciões e anciãs são bibliotecas riquíssimas para uma aprendizagem na realidade africana em especial de povo *Brassa* mas, as vezes entende-se que quando se fala da educação ou do processo de ensino e aprendizagem, logo vem na cabeça a escola, mas na verdade o referido processo é além de aprender na escola ou melhor é além da aprendizagem que acontece na sala de aula dentro de “quatro paredes”, mas sim a educação faz parte do nosso cotidiano e todos dias aprendemos.

De acordo com Hampaté Bâ, (2010), Cá, (2008), ao abordar a educação tradicional africana, eles o enquadram na realidade e vivência do dia a dia das diferentes sociedades e culturas africanas. Sendo assim, acreditamos que definir a educação tradicional africana como uma forma educativa que se baseia na transmissão de conhecimentos através da oralidade, fatos esses que se verifica também na contação de histórias nos contos, provérbios na música e dança nas cerimônias de circuncisão/iniciação e casamento, a transmissão de todos desses conhecimentos tem a base na família, como aponta Hampaté Bâ (2010).

[...] a educação tradicional começa, em verdade, no seio de cada família, onde o pai, a mãe ou as pessoas mais idosas são ao mesmo tempo mestres e educadores e constituem a primeira célula dos tradicionalistas. São eles que ministram as primeiras lições da vida, não somente através da experiência, mas também por meio de histórias, fábulas, lendas, máximas, adágios, etc. Os provérbios são as missivas legadas à posteridade pelos ancestrais. Existe uma infinidade deles. [...] O ensinamento não é sistemático, mas ligadas às circunstâncias da vida. Este modo de proceder pode parecer caótico, mas, em verdade, é prático e muito vivo. A lição dada na ocasião de certo acontecimento ou experiência fica profundamente gravada na memória da criança. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 183).

Nas palavras do autor, entendeu-se que a educação tradicional africana tem a sua base ou começa na família quer dizer pai e mãe. Pois na tradição africana a educação começa em casa, os primeiros mestres ou professores que temos nas nossas vidas são os nosso país depois outras pessoas mais velhos/as e a comunidade, a contribuição ou ensinamento dessas pessoas nas nossas vidas, ou no processo da nossa educação são de extrema importância, pois com eles/as aprendemos coisa que levaremos para a vida toda como aponta o Hampaté Bâ, (2010), ao debruçar sobre a tradição oral ou oralidade, meio pelo qual a educação tradicional Africana acontece, ele relata que:

A tradição oral é a grande escala da vida, e dela recupera e relaciona todos os aspectos. Pode parecer caótica àqueles que não lhe descortinam o segredo e desconcertar a mentalidade cartesiana acostumada a separar tudo em categorias bem definidas. Dentro da tradição oral, na verdade, o espiritual e o material não estão dissociados. Ao passar do esotérico para o exotérico, a tradição oral consegue colocar-se ao alcance dos homens, falar-lhes de acordo com o entendimento humano, revelar-se de acordo com as aptidões humanas. Ela é ao mesmo tempo religião, conhecimento, ciência natural, iniciação à arte, história, divertimento e recreação, uma vez que todo pormenor sempre nos permite remontar à Unidade primordial. (HAMPATÉ BÂ, 2010, p. 169).

A importância da oralidade e da palavra como principal meio de ensino e aprendizagem no processo educacional da educação tradicional africana, também foi abordado nos escritos do Cá, (2008), afirmando que:

A civilização negro-africana baseia-se na palavra essencialmente oral, complementada por ritos e símbolos, os quais, porém, sem estar associados à palavra, sem a tradição, tornam-se ininteligíveis e ineficazes. Na África, o mundo é dominado pela palavra, que é uma arte, havendo toda uma literatura elaborada com base na oralidade, que, na realidade, faz parte da maneira de ser do negro-africano. Nesse caso, a palavra não voa, permanece e transmite-se piamente de geração a geração, por intermédio de especialistas, isto é, dos mestres, os chamados poços de sabedoria. (CÁ, 2008, P. 24-25).

A educação tradicional africana, realiza-se fundamentalmente através dos ritos de iniciação e das diversas formas (metodologias), que pode se dá ao ar livre, de baixo de uma árvore, à noite, em volta da fogueira, nas reuniões com os velhos ou sábios, ou, privadamente, nas escolas de iniciação, conhecidas na Guiné-Bissau como *barracas de fanado*, onde acontece a última etapa de formação masculina. Cá, (2008, p. 25).

O autor acima referido, vai fazer uma reflexão profunda, a partir de um análise ao nível dos conceitos, que buscam definir os valores fundamentais da educação tradicional africana na África, essa análise ainda conta com a estrutura e as várias técnicas de ensino e aprendizagem na educação tradicional africana como ritual de iniciação que acontece na *barraca de fanado*, na realidade dos africanos, o referido ritual ela contempla a última fase/etapa do processo de educação e formação masculina na realidade dos *Brassa* pois, o comprimento desta etapa de formação mostra que o indivíduo está bem preparado para assumir as responsabilidades da sua família e a comunidade e fazer parte de conselho dos anciões que responsabilizam da resolução dos problemas na comunidade.

De acordo com Gerard Marciais Amougou (2006, apud CAMILO, 2016, P. 160), ao debruçar sobre a educação tradicional africana no caso antes da chegada dos colonizadores ao continente, afirmou o seguinte:

A educação tradicional africana antes da época colonial era essencialmente pragmática e utilitária. Definida pela literatura sobre a história da educação em África, como o processo de transmissão de conhecimentos, habilidades e valores culturais da sociedade tradicional, de uma geração mais velha para uma mais jovem, o efeito educação garante preparação para a vida adulta da criança, através de uma progressiva inclusão social (...). A família célula básica e melhor lugar para a socialização, sempre foi o ponto de partida da educação tradicional, mesmo que, posteriormente, deve continuar com a idade,

antes de terminar com os ritos específicos funções dos grupos étnicos. (AMOUGOU 2006, APUD CAMILO, 2016, P. 160).

O conceito da educação tradicional africana definido pelo autor acima apontado, antes da chegada dos invasores, o mesmo ainda pode se vê em África principalmente na Guiné-Bissau, na realidade de muitos povos em especial os *Brassa de Nhacra*.

Afonso, nos seus escritos de (2016, p. 48), também conceitua a modalidade de ensino em discussão, pois para ele a educação tradicional africana foi sempre encarada pelos seus povos como um processo de formação do indivíduo para a construção da sua personalidade, a partir de um certo modo de educar, e com uma perspectiva clara de transmissão e de preservação dos saberes de conhecimentos, dos valores morais, normas e éticas para melhor compreender, conhecer e saber respeitar aquilo que é a essência de ser.

Como já apresentado que o objetivo deste trabalho é compreender os valores educacionais presentes na cultura dos *Brassa de Nhacra* a partir do processo formativo presente nas suas próprias experiências, porem na Guiné-Bissau, oficialmente a forma ou modelo de educação que o país promove ou a que predomina hoje em dia é a educação dita formal, organizada de uma certa forma como pode-se ver na Lei de Bases do Sistema Educativo⁸ guineense presente na (Lei n.º 4/2011), essa lei foi aprovada em 21 de maio de 2010 na Assembleia Nacional Popular, (ANP) e promulgada pelo Presidente da República no dia 26 de março de (2011), Lopes, (2014, p. 111).

Mas mesmo com a provação e promulgação da lei de base do sistema educativo guineense, que organiza e define como e o que deve ser ensino, ainda a vários modos, formas e pratica da educação tradicional africana presente no seio de muitos grupos étnicos, sociedades e famílias guineense como pode se ver no caso da educação que se dá na realidade dos *Brassa de Nhacra*, a partir das suas diferentes etapas de formação, que contempla o rito de iniciação (circuncisão), conhecido como “*Fó*” na língua Brassa, como afirma Namone (2014, p. 27), que a “educação na Guiné-Bissau, antes era da tradição

⁸ Para mais informação sobre a organização do sistema educativo guineense, citado pelo Namone, (2014, p. 27), acessa o link: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-PT&as_sdt=0%2C5&q=NAMONE%2C+Dabana.+A+luta+pela+independ%C3%Aancia+da+Guin%C3%A9

oral completada por ritos de iniciação e transmissão dos símbolos que sustentam a produção de grandes significados”.

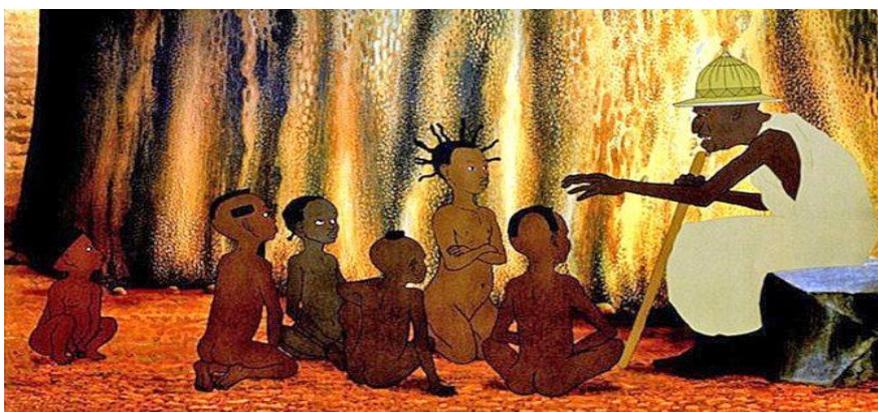
Neste sentido, quer-se mostrar que a educação privilegiada e aplicada na Guiné-Bissau, seria a dita formal, mas mesmo assim ainda na realidade educacional do povo em estudo a educação se dá com base na oralidade, a partir das suas diferentes etapas de formação e completado com principais ritos de iniciação pelos homens e pelas mulheres com a cerimônia de casamentos, conforme foi destacado em alguns trechos acima.

Nos escritos da Silva, (2013, 186), na logica ocidental, entende-se que se torna educado quem frequenta a escola e faculdade e se formar com títulos de Doutor/a, mestre e muito mais. Mas vendo esse termo, ou ação com outros lentes, a autora afirma o seguinte, “só se torna educado quem se vale da educação para progredir no tornar-se pessoa, o que implica fazer parte de uma comunidade”.

Na realidade do meu povo *Brassa de Nhacra*, o processo de educação e o ato de ser educado, não se entende ou limita a penas na ação de frequentar a escola dita formal, em fazer faculdade mas sim, a pessoa é considerada educada/o quando este indivíduo passa ou se faz presente na educação que se dá nas suas diferentes etapas de formação, que se completa pelo rituais acima referido, que depois de seu comprimento o indivíduo já é inserido e considerado responsável e passa a ser ativo e é atribuída/o uma responsabilidade na comunidade.

No capítulo que se segue, abordarei o processo de educação e formação masculina e feminina dos *Brassa de Nhacra* como uma forma de educação e aprendizagem.

Figura: 4- educação tradicional africana



Fonte: wizi-kongo. Disponível: <http://wizi-kongo.com/historia-do-reino-do-kongo/a-importancia-do-estudo-da-educacao-tradicional-africana-e-sua-caracterizacao/>

3. CAPÍTULO: III - PROCESSO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO MASCULINA E FEMININA DOS BRASSA DE NHACRA COMO UMA FORMA DE EDUCAÇÃO E APRENDIZAGEM

No que diz respeito ao processo de formação masculina e feminina como uma forma de educação e aprendizagem a partir da realidade dos *Brassa de Nhacra*, salienta-se que o referido processo conta com diferentes fchas etárias, na referida sociedade a educação e formação se dão através das diferentes etapas de educação e formação masculina e feminina, pela qual a pessoa deve passar para se formar e tomar a suas responsabilidades para com a sua comunidade.

Estas fchas se organizam por sexo e idade, neste processo o indivíduo ou o sujeito através dos mais velhos, professores ou mestres ele/a é dado um determinado responsabilidade a cumprir para bem do seu grupo e da comunidade, na sociedade do povo *Brassa* a norma de convivência se dá na base da união e harmonia por isso, não existe o eu sozinho.

Como refere Imbali, (1992, p. 15), na sociedade dos *Brassa*, o individualismo ou indivíduo sozinho não existe, porem para eles, viver em comunhão, juntos na harmonia a realização dos trabalhas em grupo é extremamente importante na medida em que isso, fortalece e unifica a comunidade por isso, é importante a participação de um indivíduo em diferentes grupos de trabalho organizado na tabanca para bem de todos/as porque o conjunto dos seus direitos e deveres recíprocos corresponde às diversas posições que ele/a ocupa na tabanca ou morança em que pertence.

3.1. PROCESSO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO MASCULINO NA REALIDADE DOS BRASSA DE NHACRA

O processo de educação e formação masculina a partir da realidade dos *Brassa de Nhacra* se dá através de diferentes etapas/fchas, gênero e idade. Para tanto, é importante lembrar que as referidas etapas/fchas que em seguida irei apresentar detalhadamente só se vê ou se encontra quando estamos referindo aos *Brassa de Nhacra*, porque os *Brassa de Kuntóé* têm a divisão dessas fchas/etapas de formação diferente devido as suas organizações sociais e a realidade.

Na sociedade dos *Brassa*, durante a formação, masculina, eles são chamados e conhecidos como “*blufu e bidokn*”, estes diferentes jovens estão divididos em diferentes grupos/fachas e idade antes de assumir as suas plenas responsabilidades familiar, social, política e religiosa, (CAMMILLERI, 2010)⁹.

Sendo assim, o processo de formação masculina conta com sete (7) etapas que são os seguintes: *Bidok ni nhare; Ntock fós; Nwack; Nkuman; Nghaié; Blufu bindan e Lante N’dan*. Segue apresentação destas diferentes etapas de educação e formação masculino.

3.2. A PRIMEIRA ETAPA *BIDOK NI N’HARE*

A primeira etapa de educação e formação masculina é conhecida como *Bidok Ni N’hare*, de acordo com Cammilleri, (2010), *Bidok Ni Nhare*, na língua *Brassa* quer dizer “pastores de gado”. Esta fase é constituída por grupo de crianças que apastoram gado.

Esta etapa inicia-se de 6 a 12 anos de idade, as crianças normalmente nesta fase andam completamente nus só usam *Lopé*, e eles sempre levam com sigo os choros da tabanca, as mãos sempre carregam um instrumento que os qualificam como pastores que é um bastão na língua *Brassa* é chamado de *fbalak*, com este bastão eles caçam animais na pastagem para seus alimentos como lebre, gazela, macaco e muito mais.

O autor ainda crescente que este grupo de crianças têm a responsabilidade enorme para com a tabanca e morança, porque é responsabilidade deles cuidar de muitas cabeças de gado bovino numa manada. O grupo de *Bidok ni nhare*, têm a responsabilidade de reunir as vacas por volta das sete de manhã todos os dias a pastagem, e de vigia-las bem para que não saíram do território, cair no poço, estragar os campos cultivados.

E quando for meio dia, eles reconduzem-nas de volta a casa para o bebedouro, neste momento os pequenos pastores desancam e almoçam, a tarde nas primeiras horas começam o segundo turno de pastagem, ao pôr-do-sol eles acompanham os gados ao estabulo de cada proprietário na morança, nesta fase também a criança começa a ter mais

⁹ (CAMMILLERI, 2010), vou citar o autor referenciado em vários parágrafos e páginas deste capítulo mas, não porque estou fazendo um resumo do seu trabalho mas, sim porque ele é um dos pioneiro no estudo da identidade cultural do povo em estudo “*Brassa de Nhacra*”, pois é de salientar que para realização da referida proposta de estudo, efetuamos um estudo bibliografo onde encontramos outros trabalhos que nelas a identidade, cultura e ritos dos povos em estudo também é abordada mas, todas elas citam o autor acima referido como referência, por isso, optamos cita-lo direto em vez de fazer vários APUD.

responsabilidade como por exemplo se perder uma vaca na pastagem ou se as vacas estragarem os cultivos, os pequenos pastores são devidamente castigados, como explica Cammilleri, (2010).

Esta tarefa é muito importante e não faltam as sanções para quem for responsável por algum dano: perder uma cabeça de gado, provocar danos nas culturas, deixar roubar por negligência, não vigiar o gado de uma forma correta são culpas que vão ser castigadas com açoites, jejum, para além da repreensão, muito temida por qualquer brasa. Não faltam para estas crianças as ocasiões de lazer que este trabalho oferece: enquanto a manada pasta as crianças têm tempo para jogos, históricos e desafios na corrida, na luta livre e para favorecer a monta das fêmeas em cio, para construir pequenas ratoeiras para apanhar pássaros e ratos por vezes lebres, com ajuda de cães “*m’bitna*” na língua brassa. (CAMILLERI, 2010, p. 59).

Nesta fase elas começam aprender que é importante o trabalho em coletividade que o seu bem também depende de outros aprendem a se solidarizar um com o outro e o medo que é apontado por Mungala, (1982) como uma das técnicas de educação faz com que procurem sempre cumprir com as suas responsabilidades dada por mais velhos, porque se não se aplica duras punições.

Figura: 5- *Bidok ni Nhare*: crianças da 1ª etapa na atividade de pastagem no campo.



Fonte: Cá Cristina, (2015).

A imagem acima ilustrada é das crianças da primeira fase/etapa de educação e formação masculino, pois é de salientar que este grupo de crianças sempre são os primeiros a dançar na festa de “*Kusundê*”, a referida dança, eles usam roupas velhas e pintam o corpo com carvão, separam um deles que canta todas as músicas da dança com flauta e este começa a canção enquanto os participantes respondem para que o grupo possa dançar, causam grandes impactos com as suas manobras. Em seguida, destacasse a segunda etapa de educação e formação masculina chamada na língua *Brassa* de “*N’thok fos*”.

3.3. SEGUNDA ETAPA *N’THOK FOS*

A segunda etapa de educação e formação masculina é a *N’thok Fos*. Literalmente na língua *Brassa* significa “acender o fósforo”, segundo Cammilleri, (2010), esta etapa é formado por um grupo de adolescentes que compreendem 13 a 15 anos de idades. Nesta fase, normalmente eles são suspensos na atividade de pastagem e passam a assumir outras tarefas, como sublinha o autor acima referido que estes adolescentes os *nthok fos* eles assumem a realização de vários papéis nas diferentes famílias, geralmente eles são responsáveis para levar recados dos mais velhos de *bolanha* ou campo de cultivo para casa vice-versa e de comprar tabaco e cachaça para os anciões.

Também são responsáveis para comprar petróleo que é usa nas agrafara e linha para dar claridade a noite, velas e fósforos para que aja a iluminação nas casas durante a noite, também nesta fase a criança começa a praticar alguns trabalhos que envolve a força física, como salienta o autor acima citado que esta etapa não dura muito só dois anos, mas durante este tempo, a criança é entregue pelo pai oficialmente um pequeno instrumento de lavoura arado na língua *Brassa* chamada de “*Kibinde*” com este instrumento a criança começa a se empenhar e exercitando o trabalho de lavoura no campo.

Após ter cumprido as demandas, durante dois anos, os jovens passam para etapa seguinte, conforme informa Cammilleri (2010, p. 62), que “ao fim de dois anos todos os *nthok fos* são convocados para uma assembleia comunitária onde o *Blufu ndan* “chefe do 6º grupo” da aldeia declara terminado este período, e eles são incluídos oficialmente no grupo que constitui a terceira etapa de formação masculino que em seguida apresentaremos e conhecido na língua *Brassa* como grupo dos *Ngwac*”.

3.4. TERCEIRA ETAPA NGWAC

De acordo com a realidade do povo *Brassa*, *Ngwac* é a terceira etapa/fase de educação e formação masculina, segundo Cammilleri, (2010), esta etapa é constituída por grupo de jovens ainda *blufus* que tem entre 15 a 18 anos de idade, eles são jovens com força física e muitas habilidades em diferentes trabalhos incluído os trabalhos do campo na época de lavoura e na colheita, considerando essa força física, estes jovens são responsáveis para construção de canoas para transportação dos produtos e diversos materiais da necessidade da comunidade, para a construção desse meio de transporte o jovem *Ngwac* abate e escava grandes troncos de *Psae* (poilão).

Além dessa contribuição a comunidade, este grupo de jovens ainda colabora com outros membros da comunidade e família nos diversos trabalhos como na manutenção das casas e nas diversas atividades lúdicas e culturais como no caso da música e dança, este grupo de jovens também são responsáveis pela segurança da morança, eles são responsabilizados de cortar troncos de *tarafi* (mangala) e ramos de palmeiras para vedação da morança sempre que for necessário.

O autor ainda relata que, cada jovem *N'gwac* carrega com sigo um emblema na forma de um triangulo como símbolo da sua representatividade e de pertence ao grupo, quanto aos diferentes conhecimentos administrados e aprendidos nesta fase ou etapa de formação, o autor acima citado salienta o seguinte:

[...] o que diz respeito a caça, a pesca e a criação de gado para as quais são ministradas “lições” zoologia e de veterinária incluindo as técnicas para facilitar o parto dos animais. Os métodos de observação, de análise e de aplicação são transmitidos de forma empírica, mas fiel á tradição. Estes jovens exprimem orgulho não só pela força física que aumenta neles, mas também pelas habilidades que vão adquirindo e que lhes permitem tornar-se autônomos na execução das suas tarefas. (CAMMILLERI, 2010, P. 64).

De acordo com autor na citação acima, reafirma-se a ideia deque na educação tradicional africana, o indivíduo aprende e acumula vários conhecimentos e conteúdo, como podemos sublinhar que nesta etapa de formação o jovem *Ngwac* aprende sobre a caça, pesca, criação de gado e de outros animais, o que lhe permite aprender não só a zoologia mais sim outros campos de conhecimento como arquitetura porque eles constroem as coisas.

Os jovens desta etapa de forma como outros em diferentes fases, com ajuda dos mais velhos eles escolhem um entre eles para ser o chefe de grupo, este que a sua função mais ou menos será como um coordenador neste grupo, também a sanções caso de não cumprimento da tarefa, mas caso tendo cumprido todas as exigências do grupo ou etapa, com a confirmação do seu chefe no grupo e aval dos mais velhos o jovem *N'gwac* passa para a quarta fase que é chamado de *N'kuuman*.

3.5. QUARTA ETAPA *N'KUUMAN*

Na realidade do povo em estudo, o grupo de *N'kuuman* constitui a quarta etapa de educação e formação masculina, na realidade do povo *Brassa* de *Nhacra*, segundo Cammilleri, (2010), esta etapa de formação dura três anos intensa de educação, formação preparação, física e mental, este grupo contempla dos 18 aos 21 anos de idade, o símbolo ou emblema que representa este grupo é a casca da tartaruga, na língua *brassa* chamada de “*nkubur*”.

Para eles, este animal representa símbolo da resistência física e sabedoria, esta fase é entendida como mais uma etapa intermedia de desenvolvimento de um homem *Brassa*, para mais organização, este grupo de jovens é entendida como a que contempla dentro de se outras duas fases que são: *Furfat*, *Nda*, esta etapa acaba sendo conhecida com o nome de *Nkuuman*. Sendo assim, (SIGA, 2015), relata que esta etapa de educação, é a fase da total obediência complementa que os *Nkuuman* representam a principal força da produção de arroz e de mais na tabanca, a referida força e capacidade física que estes jovens têm faz com que eles são escolhidos como responsáveis de abater ou sacrificar os animais numa cerimônia de toca choro.

Segundo Cammilleri (2010), este grupo como qualquer outro na realidade do povo em estudo também tem um chefe entre eles que é escolhido pelos *bulufu bindam* grupo pertencente a sexta etapa de formação, estes são responsabilizados a tutoria dos *Nkuuman* durante a sua formação, o chefe escolhido para liderar o grupo, ele teve ser um indivíduo com qualidades e capacidade de gerenciar possíveis conflitos entres eles durante o processo de formação, a responsabilidade que o chefe tem acaba dando certo porque neste grupo de jovens apresentam uma total obediência devido ao medo que têm dos mais velhos e dos anciões, que lhes aprovam para outra fase de educação que é chamado de *Nghaye*.

3.6. QUINTA ETAPA *NGHAYE*

O grupo de *Nghaye* constitui a quinta etapa de formação masculina que segundo Cammilleri, (2010), estes jovens entram para este processo de formação aos 21 ano de idade e sai aos 24, este grupo de jovens *Nghyaes* eles se distinguem dos diferentes grupos através das suas formas de vestir e de comportamento conf.

Costumam cobrir o corpo com argila ou com farinha de mandioca, levam ao pescoço, nos braços e nos pés, grossos anéis de corda de fibras vegetais (ioc), a tiracolo um saco (boto) tecido com folhas de palmeiras, anda sempre em grupo e para atraírem atenção sobre eles tocam constantemente um corno de búfalo (fiem). É um grupo de jovens que mais vive unido e solidário de fato: dormem juntos numa casa reservada para eles, tomam juntos as refeições no espaço atrás da casa (kufe), vivem sempre a margem da família e da comunidade, [...] (CAMMILLERI, 2010, p. 66).

Esta é a fase de mais entretenimento na *tabanca*. Durante essa fase ficam descalços e andam sem camisa mesmo que vão a um lugar distante, os seus símbolos são o chifre de vaca e o de carneiro para extrair sons, a bolsa de palha de palmeira que eles usam serve para pôr a comida deles em cada *morança* que chegarem, dentre outros hábitos, as lamas que os *N'ghayes* usam, na realidade dos brassa são as fardas que os identificam. Este grupo de jovens são a mão de obra para toda comunidade e ainda viajam para outras comunidades a fim de prestar serviço de lavoura, eles são principais produtores da *tabanca*.

Segundo Cammilleri, (2010), uma parte da receita produzido por este grupo de jovens em diferentes *tabancas* é destinado a despesas da festa anual que se celebra em todas as aldeias quando concluíram as atividades de cultivos, esta festa é celebrada como gesto de agradecer aos seus ancestrais e “*NHALA*” pela colheita, esta festa normalmente é organizado sob a responsabilidade do grupo de *Blufu ndan*, e os *Nghayes* de diferentes aldeia têm a responsabilidade de preparar as músicas e danças que serão apresentado, nesta dança de “*Kussunde*” os *Nghayes* vestem-se “saias dos *Bijagos*” (feita de cordas), chifres de carneiro ou de vaca e são presenteados com panos pelas mulheres da *tabanca*, porém não ficam com estes panos para sempre é só para dançarem, na dança eles causam grandes impactos com as suas manobras brilhantes, eles são considerado grupo principal nesta festa tradicional.

No que diz respeito a modo de vida de um jovem *Nghaye*, na realidade dos brassa uma jovem nesta etapa de formação ainda não está preparado para diversos desafios na vida principalmente vida sexual, por isso eles são controlados e proibidos de iniciar essa vida sem que estejam prontos, sendo assim, Cammilleri, (2010), explica o seguinte:

No que toca a vida pessoal, o *Nghaye* encontra-se num dos períodos mais críticos porque, enquanto que os impulsos sexuais são mais fortes, a tradição Brassa não permite o casamento durante esta fase e tenta atenuar ou reprimir os estímulos da natureza através de normas que se tornaram costumes específicos dos jovens desta fase: vida sempre em comum com os colegas, afastado do resto da sociedade e em particular das mulheres que são mantidas a distância com freses desagradáveis e gestos excêntricos, não tomando banho por longos períodos [...] (CAMMILLERI, 2010, p. 66-67).

Para os *Brassa*, jovens em período/fase de formação antes da etapa ou fase de *Blufu Ndan* incluindo os *Nghayes*, eles são considerados como jovens em grupos de formação, eles ainda não estão preparados a enfrentar vida adulta ou vida sexual, por isso os *Nghayes* são mantidas longe das mulheres, numa morança se vieses uma hospede de sexo feminino os *Nghayes* daquela morança são afastados de casa durante a estadia dela lá, eles voltam para casa só quando ela voltou isto para evitar contato dos dois considerando a fase de puberdade que eles se encontram.

Também é importante apontar este fato, na realidade dos brassa, os *Nghayes* são considerados imortal, isso quer dizer que na realidade da cultura deste povo um jovem na comprimento desta etapa de formação ele não morre, mas caso isso acontecesse significa é uma tragédia enorme e a algo de errado por detrás desta morte, porque os *Nghayes* são sagrados por isso fazem o que lhes apetece na tabanca incluindo roubo de diferentes animais e objetos, na tabanca a pessoa que foi roubado por *Nghayes* não fica bravo pelo contrário fica muito feliz porque os jovens estão a cumprir com a prática cultural, mas fora da realidade deste povo esta ação de *Nghaye* não é entendida como um ato ou ação cultural, isso faz com que haja um choque cultural entre a pessoa roubada e o jovem *Nghaye*, presenciei este choque cultural várias vezes na cidade de Bissau.

Depois de ter completado os dois anos necessário para a formação do jovem *Nghaye*, através de um órgão numa assembleia, estes jovens são preparados para outra fase, a preparação destes jovens para outra fase ou etapa de formação, acontece através de uma convocatória para uma assembleia na qual vão receber as orientações que vão lhes ajudar a enfrentar a vida conjugal ou vida sexual e as suas futuras consequências.

De acordo com Cammilleri, (2010), na referida assembleia, os jovens *Nghayes* são levados ao rio, lá eles são dados um banho ritual nas águas do rio, este ato de banhar nas águas do rio e as cerimônias ritualistas que o acompanha chama-se na língua brassa “*anñess*” que significa “ritos de iniciação sexual”.

A referida cerimônia solene é presenciada por diferentes grupos, a realização deste cerimonia dá aos jovens o direito de namorar, fazer sexo e de casar, mas o casamento nesta fase não é oficial, só é oficializado depois de ter feito a cerimônia de circuncisão, no entanto, antes da cerimônia de circuncisão um jovem *Brassa* e a sua família estão na responsabilidade do seu pai, depois desta etapa o jovem deixa de ser *Nghaye* e passa para etapa seguinte que é de *Blufu Ndan*.

Figura- 6 grupos de jovens *Nghaye*.



Fonte: <http://psvicente.blogspot.com/2007/12/fanado-cerimnia-de-inicio-masculina-na.html>

A imagem acima ilustrada mostra os jovens pertencente a quinta etapa/fase de educação e formação masculina na realidade do povo em estudo, os *Nghayes* nunca andam sozinho só em grupo como pode ver nessa imagem, na realização de uma dança de Broska os *Nghayes* e outros grupos ou fchas têm a obrigação ou responsabilidade de animar o público com uma luta livre além das danças.

3.7. SEXTA ETAPA *BLUFU NDAN*

A sexta etapa de educação e formação masculina, e a *Blufu Ndan* sendo a fase intermedia na vida do candidato, porque é a etapa da transição da vida, para os brassa, aqui o indivíduo é preparado bem para deixar de ser um simples jovem na tabanca e passa a ser um adulto por isso, nesta fase um *Blufu Ndan* goza de alguns direitos e liberdade como direito de namorar e fazer sexo, casar e ter filhos.

Na realidade dos *Brassa*, estes filhos ainda não são dele, apesar desses direitos e liberdade ele ainda está sob tutela do seu pai que é chefe da família até ele cumprir com a última etapa de formação que é a cerimônia de circuncisão, nesta etapa o *Blufu Ndan* já é candidato para a cerimônia da circuncisão “*Fô*” ato que através da qual a educação tradicional da realidade dos *Brassa* através da oralidade se completa. Embora tudo depende dos homens grandes “*Lante Ndan*” e dos tios “*Fade* ou *Yade Lante*” que são selecionadores dos candidatos.

De acordo com Cammilleri (2010), esta é a fase ou etapa de formação mais decisiva na vida de um homem *Brassa*, por isso a duração desta fase é de seis anos, o candidato entra nela aos 24 anos e sai aos 30 anos de idade como um candidato selecionado ao sagrado ritual da circuncisão, ritual essa que marca o fim da formação de um homem *Brassa* e lhe atribui status de um homem adulto, responsável e bem formado e capaz de liderar a sua casa e a comunidade em geral.

Os *Blufu Ndan* são fundamentais na comunidade em que pertencem porque, eles são elo de ligação entre os anciões que tomam decisões para bem da comunidade e diferentes grupos de jovens em formação que devem escuta-los, também eles estimulam e coordenam os trabalhos como as práticas agrícolas, cobertura de casas que compõe a morança, vedação da morança com folhas de palmeiras e muito mais. Ainda sobre a competência dos *Blufu Ndan*, o autor acima citado no mesmo ano aponta que:

Em particular compete ao *Blufu ndan* vigiar sobre o bom funcionamento das classes etárias intervindo junto dos chefes dos grupos com conselhos nas dificuldades e reforçando a sua autoridade. Se dentro de um grupo etário surgirem discórdias entre os membros ou entre algum membro e o líder, é papel do *Blufu ndan* apaziguar e restabelecer a harmonia no grupo, mas, caso não o consiga, deve levar o assunto á decisão dos anciões, [...]. ao mesmo tempo ele é também porta-voz dos desejos e dos pedidos dos jovens junto dos chefes de família e do conselho dos anciões. (CAMMILLERI, 2010, p. 67).

Entende-se que a esta etapa de formação muita coisa ou responsabilidade é confiada para aumentar mais a capacidade de resolução de problema dos candidatos, por isso a eles também é confiada a responsabilidade de organizar a caça aos animais, a recepção dos hóspedes organizar as festas na comunidade com ajuda dos jovens *Nghayes* e escolher os cantos a serem cantados na festa de *kusundé*, apesar de tanta responsabilidade, mas também tem as suas limitações.

Cammilleri (2010), afirma que eles não podem comer com os adultos ou melhor *Lante ndan*, também não pode participar no concelho da aldeia, [...] ele está submisso ao seu pai, e enquanto não for adulto quer dizer passar pelo ritual de circuncisão ele não pode ter acesso a nenhum diálogo com os nossos antepassados, os espíritos e muito menos ainda com o ser supremo que é o *NHALA*, só quando ele termina a última etapa de formação a partir daí vai ser considerado um adulto responsável capaz de assumir a responsabilidade da família e a comunidade em geral.

3.8. SÉTIMA ETAPA *LANTE-NDAN*

Na realidade do povo em estudo, *Lante-Ndan* se refere a última etapa de formação masculina, a sétima. Chegar essa etapa significa que o candidato é uma pessoa bem instruída e hábil por excelência para fazer parte do conselho dos anciãos e assumir a liderança da comunidade, significa ter várias responsabilidades como a de organizar as diferentes cerimônias na tabanca incluindo a de circuncisão, para os *Brassa* os indivíduos que passaram nessa última etapa de formação, eles são respeitados em quaisquer que seja *tabanca* ou *morança*, eles são fáceis de identificar/reconhecer porque usam um barrete vermelho que na língua *Brassa* é chamado de *fibague fan*, mas também podem usar qualquer chapéu. (CAMMILLERI, 2010)

Para os *brassas* o ritual de *Fô* é muito sagrado, não só simboliza passagem a vida adulta, também é mais do que um simples ato de corte do prepúcio, “o termo *Fô* indica conjunto dos rituais da passagem [...]. O momento da passagem é o da circuncisão que coroa um longo caminho de formação por etapas com duração total de 26 anos ou mais caso tenha havido alguma “reprovação” ou atraso numa qualquer fase”. (CAMMILLERI, 2010).

Para este povo, a referida cerimonia de circuncisão *Fô*, o ato que diz respeita a conclusão da última etapa de formação de um homem *Brassa*, esta etapa de formação está bem organizado e fragmentado em diferentes momentos, Cammilleri, (2010), aponta que a realização desta cerimonia está dividido em quatro momentos importantíssimo: o primeiro se refere ao momento de preparação da cerimônia de circuncisão; o segundo diz respeito ao momento da segregação; o terceiro se trata do momento da cerimônia *Fô* o ritual central; em quanto que o quarto e último diz respeito ao momento de o grande regresso.

No primeiro momento que é a preparação do ato da cerimônia de circuncisão *Fô*, como um momento importantíssimo na vida do indivíduo que está sendo preparado para o ato assim como para os *brassa* em geral, este momento de preparação o candidato é informado sobre a cerimônia pelo seu tio materno ou paterno, este lhe chama em segredo a noite e lhe disse filho, quero que sejas um dos candidatos a cerimônia de circuncisão, e depois vai explicando ao candidato o grande significado do rito de *Fô*.

Ao cumprir desta etapa de formação, o indivíduo, torna-se um homem adulto e membro efetivo da comunidade, um homem *Brassa* mesmo sendo maduro fisicamente e tecnicamente formado precisa passar pelo ato de circuncisão porque é orgulho de toda família *Brassa* e de uma mulher, ter um marido com formação completa.

Para o candidato é importante porque ao ato define ou identifica a sua sexualidade na função vital, o indivíduo é considerado homem completo só quando passou pelo ritual, assim acontece com as mulheres só depois de passar pelo casamento cerimonia tradicional dos *brassa* que define status da mulher como o *Fô* define dos homens.

Na tradição do povo *Brassa*, um indivíduo escolhido ou candidato a cerimônia de circuncisão é consagrado em um pequeno templo redondo que fica no meio de toda morança dos *Brassa*, lugar onde está presente espirito dos antepassados da família e os ancestrais, na presença de amigos e familiares o candidato confessa todos seus erros, furtos e crimes cometido que está desposto a deixar por trás, depois segue o ato de consagração através de um banho, a partir daí o candidato é considerado sagrado e carrega com sigilo três símbolos sagrados: *Ksiap*; *Psuka* e *Nbain*. Estes três elementos que identifica um candidato a *Fô*. Conforme Cammilleri, (2010).

O *Ksiap* é uma pinça em ferro, com um punho de quase 20 cm de comprimento, que, na prática, serve para extrair dentes, mas que simbolicamente representa os antepassados e está relacionada com todos os objetos em ferro (*fadn*) conservados no pequeno templo familiar que simbolizam de facto os antepassados. [...]. O *psuka baka*, (o que esconde tabaco) isso é a tabaqueira obtida de uma secção de cana de bambu que deve ter sempre uma certa qualidade de tabaco moído para, em qualquer altura, poder ser oferecido pelos *alante ndan* em sinal de respeito e homenagem aos anciãos que os geram e deram-lhe a possibilidade de gerar por sua vez. [...] O *Nbain* (faca) é o utensílio usado em inúmeros trabalhos a vida quotidiano, mas é também arma de defesa da vida pessoal, familiar e da sociedade. (CAMMILLERI, 2010, p. 71).

Um candidato consagrado a *Fô* carrega os três símbolos sagrado consigo até no dia da cerimônia, mas antes o candidato anda sempre com um jovem *Blufu*¹⁰, visita quase toda família e parentes em suas casas como forma de lhes apresentar a sua pessoa como um candidato a cerimônia de circuncisão, durante a visita o candidato é oferecido vários presentes como galinha, porco panos e dinheiro, nessa visita a conversa que se manteve com os familiares e parentes. Segundo Cammilleri, (2010), se resume em seguinte expressão traduzido pelo autor:

A ka sokcie fô, wil ma usuma; significa: se vais entrar no fô, isso é sempre alegria grande. A wet nam, a lagetini kduar, bwi-bu hal-te ko n hurne; quer dizer: se não queres, tornas-te vergonha, os nossos filhos (tornam-se) como loucos. N'hate a kana tngatna wilni fo tida; significa: fica constantemente a pensar no que é *Fô* somente. (Cammilleri, 2010, p. 72).

Em seguida vem o segundo momento da cerimônia que é o momento de segregação, este momento começa quando termina o grande momento de preparação pois neste, já vai se fixar a data de início dos cerimonia de circuncisão *Fô*, neste momento sagrado se destaca o protagonismo de grande e importantíssimo meio de comunicação tradicional o tambor falante ou bombolom, conhecido na língua *Brassa* como “*Tchacli*” ele é utilizado neste momento para comunicar transmitir mensagem a outras tabancas, morança ou aldeias próximos e distantes, transmitindo a mensagem do início da

¹⁰ *Blufu*, é uma expressão na língua guineense “crioulo da Guiné-Bissau”, é um adjetivo uniforme usada na sociedade Guineense para diferenciar as pessoas circuncisados dos que não são circuncisados.

cerimônia de circuncisão, hora, local e nome da linhagem das famílias dos candidatos. (Cammilleri, 2010).

Os sons ou mensagem passada na linguagem do tambor falante é altamente codificado, a compreensão dela exige que a pessoa seja letrada na realidade da tradição *Brassa* para poder descodificar e interpretar a mensagem que sai do bombolom, na passagem pelo ritual de circuncisão o candidato aprende seria de coisas incluindo a interpretação da mensagem do tambor falante. (Cammilleri, 2010).

Quando se próxima da hora anunciado que é sempre por volta das 18 horas, o mestre da cerimônia dá sinal para concentração de todos candidatos, estes chegam acompanhado de multidão das pessoas amigos/as, e a comunidade em geral, os candidatos são conduzidos e acompanhados pela multidão até num lugar marcado onde mulheres, crianças e jovens são interditados, os lambes, *Lante ndan* e os candidatos seguem em frete até chegarem num riacho de agua salobra onde untam os seus corpos com o lodo cinzento do local. (CAMMILLERI, 2010).

Depois de grande momento de segregação, vem o terceiro momento da cerimônia que é o momento de *Fô* o ritual central, o momento mais esperado pelo candidato e o seu acompanhante o tio, segundo Cammilleri, (2010, p.77), “o tempo de permanência dos novos lambes na barraca ritual (*mnife*) varia de entre 40 a 60 dias”. Segue a explicação como acontece este grande momento.

Quando está próximo o pôr-do-sol, o mestre do *Fô*, armado de um grosso bastão (*fbalak findan*), ordena aos jovens *bulufu*, assistidos cada um pelo seu padrinho, que se agrupam segundo a pertença a mesma família ou linhagem e de preparar-se para a operação. Cada grupo entra no riacho até que a água lhe chega aos joelhos e cada jovem que vai ser circuncidado coloca-se no centro do grupo, de pé, nu, com as mãos agarradas aos cornos do touro que saem do seu grande chapéu, e fixa os olhos no ocaso. Com a circuncisão o *blufu* perde “misticamente” a parte feminina do seu corpo e fica preparado como homem e chefe de família. Este momento central da cerimônia é seguido atenciosamente pelos companheiros e padrinhos [...] Nesta altura, quer pelas emoções do momento, quer pelo sangue perdido e pela intensidade da dor, o jovem circuncidado deita-se repetidamente na água, imergindo-se e emergindo cada vez mais rapidamente até cair e ficar imóvel mergulhado por alguns segundos (*bode a wedé*); é o momento culminante de todo o cerimonial [...] A partir desse momento o jovem muda de nome, não é mais um *blufu*, mas sim um *lambe* (nome que deriva da raiz *lamma* que indica comandar, indicar e ensinar; da mesma raiz deriva também a palavra *lama* que significa chefe, responsável, comandante). Os *lambe* constituem o primeiro grau da classe dos chamados *lambe ndan* que

significa homem grande, homem adulto, homem verdadeiro. (CAMMILLERI, 2010, p. 74-75).

Na explicação do autor acima citado, entende-se que na tradição do povo em estudo o comprimento da etapas de formação desde primeiro a ultimo que é a referida cerimonia de circuncisão é importantíssimo na vida de um homem *Brassa*, porque na tradição *Brassa*, antes da circuncisão o jovem é vista misticamente como quem ainda possui nele uma parte feminina, mas a sua longa caminhada que culmina com as sua participação no *Fô*, lhe torna um homem preparado para assumir a liderança da sua família e da comunidade em geral, também este ato muda o nome e status do candidato ele não é mais um *blufu*.

De acordo com Cammilleri (2010), “*blufu* é definido como *hal-tedaani ko*, um indivíduo que não tem o controle das próprias forças e instintos e que não sabe pôr ordem nas suas tendências instintivas”. Mas sim passa a ter controle das suas forças e passa a ser um lambe e pertence o primeiro grau da classe dos chamados *Lante ndan*.

Passando seis dias das suas estadias no mato lugar sagrado, na madrugada do sexto para o sétimo dia, os novos lambes tomam seu primeiro banho após a circuncisão, saem na madrugada andando em fila um atrás do outro falando em voz baixo com seus lambes, mestre da cerimônia e os anciãos, até chegando ao rio onde vão ser lavados pelos anciãos quebrando a *malgosadura*, a partir daquele momento os novos circuncisados ou novos lambes vão poder tomar banho sozinho.

Na tradição *Brassa*, a escolha do sexto dia como o dia em que os fanados novos serão banhados pela primeira vez após a circuncisão, não é por acaso, pois é um dia com grande significado nessa tradição, como pode se perceber que não é só os recém circuncisados é que saem da barraca naquele dia pela primeira vez mas sim, também na cerimonia de casamento a mulher casada segundo a tradição *Brassa*, ela fica confinada dentro de um quarto com as anciã para últimos concelhos ou melhor completar a educação e no sexto dia termina e ela sai fora, também nesta tradição, quando nasce um/a bebe ele/a fica confinado dentro sob cuidado das anciã e da mãe, este será o momento em que elas vão ensinam a mãe alguns cuidados para com bebe, após isso, o recém-nascido sai fora só no sexto dia, na tradição da cultura desse povo, o sexto dia representa sempre fim e início de um novo período.

A cerimônia de circuncisão é tão importante na vida de um homem *Brassa*, porque o indivíduo que não passou pelo ritual não pode ser responsabilizado de certas coisas na tabanca, mas quando já é *Lante ndan* oficialmente vai ser reconhecido como: alguém que pode e guia os trabalhos de casa e do campo, ele passa a ser alguém com direito a herança familiar, também passa a ser alguém que deve organizar a segurança da família, alguém que com regalia de presenciar o conselho dos anciãos, alguém com autoridade de presidir as cerimônias sagradas, este indivíduo na realidade dos *Brassa* ele é alguém com poder paterno, administrativo, político, militar e religioso (CAMMILLERI, 2010).

Assim segue o quarto e último momento da cerimônia que é o momento de regresso, quer dizer último dia de permanência dos novos lambes na *Barraca* em um lugar sagrado na mata. Este dia é muito esperado porque o momento é de muita festa e alegria tanto para os familiares dos novos lambes ou famanados novos assim como para a comunidade em geral, dias antes eles deixam o considerado barraca *sagrado/malgos* e queimam tudo que usavam lá como sinal de que tudo que pertencia o passado foi destruído, de lá para frente serão homens novo, deixam aquele lugar numa madrugada e seguem para um novo lugar chamado “*barraca dós*”, neste lugar eles são preparados para receber seus últimos conselhos e as instruções que eles complementam com tudo que receberam desde primeiro dia, os fanados novos levam com sigio estes ensinamentos para toda vida.

Depois de uma lavagem que os purifica, eles são vestidos e equipados e bem enfeitados, a partir daí são preparados para sair, conforme Cammilleri, (2010).

Após uma ablução sagrada, cada *lambe* é vestido com o seu *ñoma ni fô*, é lhe posto na cabeça o chapéu de lã vermelha, o *fbage han 'h*, no pulso uma pulseira em ferro(*ioc*), no braço um grande feito de pele de animal, sandálias nos pés e o seu inseparável *kciam* na mão. Inicia assim o caminho de regresso á comunidade com os rostos cobertos por largos capuchos, caminhando em fila indiana, encabeçada por um *lambe* pertencente á mais antiga da aldeia. Ao lado da fila, um outro *lambe*, com a função de diretor de coro, inicia a primeira estrofe de um canto preparado durante a permanência no mato sagrado, sendo imediatamente acompanhado por todos. [...]. Entretanto a multidão dos parentes e dos amigos vem ao encontro dos iniciados e cada família “captura” o seu *lambe*, cobre-lo de muitos sinais de carinho, acompanha-o a casa com cantos e aclamações de alegria. (CAMMILLERI, 2010, p. 86).

Na verdade, o momento de grande regresso não só de alegria e festejos e canto por todo lado como aponta o autor acima citado, pois este momento também é de grande

dor tristeza e homenagem a todos lambes responsáveis, ao anfitrião da cerimônia e a todos anciãos que contribuíram para a realização do ato e em especial aos fanados que não conseguiram regressar caso aconteceu a tragédia de terem perdido um fanado na barraca, além disso, o momento é de novos *lambes*, quando antigos *lambes* os acompanhou para casa, lá recebem as visitas e presentes mas passando cinco dias no sexto dia o fanado novo é tirado o capucho que cobria a cara dele, a partir daí ele apresenta o seu novo rosto a todos/as depois de quarenta à sessenta dias, este dia significa fim de uma fase a outra fase nova como assegura a tradição do povo *Brassa*.

A partir deste dia, ele pode sair de casa para efetuar visitas aos seus familiares, amigos e conhecidos e anda sempre com cabeça empinado como sinal de humildade e obediência e sempre acompanhado de um jovem *Blufu* para lhe servir e proteger, o fanado novo vive todo esse tempo consagrado através do ritual feito no último dia na “*barraca dós*”, ele é desconsagrado só quando foi lançado as sementes de arroz na terra ou melhor no início da nova produção de arroz.

Quando este pedido foi feito, as mulheres são responsáveis de organizar em diferentes grupos como: *padidas* de *morança*, filhos de *morança* e mulheres que são casadas na *morança*, estes grupos de mulheres são responsáveis para comprar o algo pedido, na tradição *Brassa* este pedido deve ser cumprido como sinal de amor, carinho e alegria de ter mais um *Lante ndan* na família e na comunidade, a família sente muito orgulho de grande esforço feito e da união existente.

Figura-7 grupo dos recém circuncidados, novos *Lante ndan*



Lambe: Grupo de “homens completos” recém circuncidados.

A imagem acima representada, ilustra grupo dos recém circuncidados que fizeram uma transição completa das diferentes etapas de educação e formação masculina para serem considerados homens completos, com esta ilustração conclui abordagem das diferentes etapas de educação e formação masculina na cultura dos *Brassa de Nhacra* como uma forma de educação e aprendizagem presente nas suas próprias experiências. Sendo assim, no próximo subcapítulo ilustrarei o processo de educação e formação feminina, que também acontece a partir das diferentes etapas/fases a conhecer.

4. CAPITULO: IV- PROCESSO DE EDUCAÇÃO E FORMAÇÃO FEMININA NA REALIDADE DOS BRASSA DE NHACRA

Quanto ao processo de educação e formação feminina na realidade do povo em estudo como uma forma de educação e aprendizagem a partir das suas experiências, também se dá nas diferentes etapas de formação, os *Brassa de Nhacra* na mulher conta com seis (6) etapas a cumprir, que vai desde sua nascença até se tornar uma mulher adulta e responsável, são as etapas/fases: *N'bi fula usõñ; fula ndan; Iegle, Thata; Sade; Anin Ndolo*. Sendo assim, segue a ilustração das referidas etapas.

4.1. PRIMEIRA ETAPA NBI FULA USÕÑ

Na realidade da tradição *Brassa, Nbi Fula Usõñ*, compreende a primeira etapa/fase de educação e formação feminina, sendo a primeira etapa, todas as meninas de até aos oito anos de idade pertencem a referida etapa de formação.

De acordo com Cammilleri, (2010, p. 45), o termo *nbi fula usõñ* literalmente significa filha pequena. Ainda aponta que o termo específico de *fula* quer dizer osso vivo presente no corpo ou melhor um indivíduo na fase de crescimento ou desenvolvimento. Uma menina nesta etapa, todas as mulheres da casa ou morança são responsáveis para sua educação e aprendizagem, nesta ordem de ideia, na realidade do povo em estudo estas mulheres são responsáveis de proporcionar os primeiros ensinamentos da vida a estas meninas, a língua sendo considerado o elemento primordial da cultura de um determinado povo ou grupo étnico sendo assim, na realidade do em estudo na educação a língua *Brassa*.

Sempre foi o primeiro a ser ensinada a uma menina nessa fase de aprendizagem, também ela é ensinada a saber respeitar os mais velhos e ter o hábito de cumprimentar as pessoas principalmente os mais velhos, a ela também é ensinada as normas e as expressões de convivência da cultura *Brassa*, também foi nessa fase/etapa que elas começam a aprender as primeiras tarefas de casa como lavar louça, varrer a casa, auxiliar na cozinha, lavar roupa, ir apanhar água no poço, as vezes procurar lenha no mato com adulto.

Também nessa fase, as meninas aprendem imitando os adultos, principalmente a mãe em tudo que ela faz como cozinhar, carregando ossos as costas imitando a mãe levando uma criança pequena as costas, também aprendem através de diferentes jogos e brincadeiras.

Figura-8: Crianças da 1ª etapa de formação *Nbi fula usoñ* na atividade domestica



Fonte: Acervo pessoal da Cá Cristina (2015).

SEGUNDA ETAPA *NBI FULA NDAN*

A segunda etapa de educação e formação feminina é denominada de *Nbi fula ndan*, que na língua *Brassa* quer dizer adolescente, nesta etapa entra-se a partir de 11 a 15 anos; são jovens pré-adolescentes na fase de puberdade, na etnia *Brassa* estas meninas são preparadas, educadas para discernir o que é bom e mau para futuramente enfrentar o casamento e assumir a responsabilidade de ser uma dona de casa, especialmente tomar conta de uma família e instruir as meninas e meninos que lá vão crescer.

Mais na etnia *Brassa*, as meninas nessa faixa etária não são educadas na casa dos seus pais ou melhor pela sua mãe, na realidade deste povo a educação delas são a responsabilidade das tias materna ou paterno, porque para este povo uma menina educada pela própria mãe torna mimada, como afirma Cammilleri, (2010, p. 47), que “os *Brassa* estão convencidos de que se a mãe não se separa da filha, se não ela por acaso se tornar excessivamente caprichosa e extravagante, a culpa recairá sobre a mãe que será considerada demasiado possessiva”, por este e outros motivos a menina é educada deve ser educada por uma das tias, esta seria a mestra que vai lhe educar para uma vida adulta onde aprende cuidar da casa, das crianças, do marido da mestra e saber o papel da mulher na sociedade em que pertence, nesta etapa a menina é educada, preparada para assumir a responsabilidade da terceira etapa de formação (*Iegle*).

Por isso, é responsabilidade das mulheres mais experiente acompanhar de perto o processo educativo destas meninas “*Fula Ndan*” e devem intervir na vida delas com conselhos e chamada de atenção para nunca desrespeitar as normas no casamento, Cammilleri, (2010).

Na verdade, estas duas primeiras etapas de formação elas são muito sensíveis considerando as idades das crianças que se encontram nesta etapa de aprendizagem por isso, é a etapa gerida com mais cuidado, atenção e carinho. Então, para melhor entender a evolução deste processo de formação na vida uma mulher *Brassa* como uma forma de educação e aprendizagem que começa a partir do nascimento de uma menina.

Cá, Cristina, (2015), na sua Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação em educação Brasileira, no 5º capítulo da referida dissertação a autora apresenta o processo de formação e educação de mulher *brassa* principalmente a partir destas duas primeiras etapas de formação, na sua tese realizou várias entrevistas com diferentes mulheres moradoras das aldeias na Ponta Adolfo Ramos e ponta consolação, de acordo com a autora, a sua primeira entrevistada ao falar sobre a referida formação diz o seguinte:

A primeira coisa que uma mãe ensina a filha é aprender a lavar a sua própria tigela de comer. Ela leva algum tempo brincando de lavar essa tigela e a gente, como mãe vai elogiando sempre para incentivá-la. Quando a mãe percebe que a filha já sabe lavar bem a sua própria tigela, aí ela aumenta o número com mais três tigelas até completar todas, mas sempre de olho nela e, caso tenha tigela que não esteja bem lavada, a mãe pede com carinho para ela lavar novamente. A gente não força muito a criança nessa fase e muito menos cobra dela muita coisa, porque, além dela ser pequena, ela ainda está na fase de aprender a lidar

com pequenas tarefas domésticas, por isso tem que começar na brincadeira, para ela ter prazer de aprender. Entrevista concedida à (Cá Cristina, 2015, p. 172-173).

Não obstante, é importante entender a forma como se dá a educação nessa fase ou etapa, porque se partimos com um olhar atento, vamos acabar compreendendo ou concluindo que ela se dá justamente como na escola dita formal principalmente na educação infantil, creche e na pré-escola, que se dá mais ou menos de 0-3 anos e 4-5 anos.

Tem uma coisa muito importante que não podemos deixar escapar, que a semelhança na forma pela qual elas se aprendem, acontece na educação dita formal que as crianças são deixadas brincar livremente, olha que legal, pois na aquelas brincadeiras livres eles/as acabam aprendendo. Justamente é o que acontece na referida formação de vida das meninas/mulheres na etnia *Brassa* nessa etapa ou fase a criança se brinca de lavar a sua própria tigela, mas acontece que ela aprende muito naquela brincadeira de lavar tigela.

De acordo com Cá Cristina (2015), a primeira entrevistada referida acima, traz os elementos importantíssimos na referida formação, pois ela mostra que as crianças mudam de fase ou formas de aprender como na escola dita formal as crianças também se mudam de creche para pré-escola sempre com o auxílio do/a professor/a, mas lá, elas se mudam de lavar as suas tigelas e passarem a lavar as panelas também sempre com ajuda ou acompanhamento das mais velha ou das suas mães.

A entrevistada ainda continua dizendo que elas não cobram muito da criança nessa fase de aprendizagem considerando a sua capacidade cognitiva de aprender e reproduzir. É importante entender que a educação da qual se fala na referida etnia, ela é tão importante na sua formação social não só como mulher, mas sim como integrante de um determinado grupo social ou étnico. Nessa ótica de ideia, a entrevista ainda vai dizer que:

Ela [a filha] vai me acompanhando noutros serviços, sempre observando. Por exemplo, quando eu vou retirar a água do poço, arrumo um balde pequeno ou um copo de um litro, para ela ir junto. Quando estou lavando a roupa, dou um pouquinho de água e sabão para ela brincar de lavar a sua calcinha ou a roupa da boneca dela e, mais para frente, ela já vai lavando o lenço, uma blusa, um paninho [conassaba] que ela sempre vai usar etc. Conforme a criança vai crescendo, a mãe vai oferecendo mais serviços para ela aprender a fazer. Entrevista concedida à (Cá Cristina, 2015, p. 174).

É importante observar bem a forma como essa educação se dá pois, tem uma enorme semelhança com a forma pela qual se dá a educação dita formal nas escolas entre quatro paredes, começando por forma de aprendizagem e de acompanhamento dos mais velhos e mais experientes ou professores, estes não devem esforçar uma criança a fazer algo que não é do seu nível de aprendizado, também essa experiência existe na formação do povo em estudo. No entanto, de acordo com a autora acima referida, uma da sua entrevistada diz o seguinte:

[...] não existe uma idade certa para cada tipo de aprendizagem, pois tudo vai depender da assimilação de cada criança. Há crianças que assimilam muito rápido, mas outras demoram a aprender. Então, há todo esse cuidado para não forçar a criança a fazer uma coisa antes do tempo; colocar uma criança de quatro anos para carregar um balde de água, por exemplo, não é certo; porque isso pode causar sérios problemas ao seu tórax. Por essa razão, todo o processo de educação vai ser controlado pelas senhoras mais experientes ou por um adulto da morança. Entrevista concedida à (Cá Cristina, 2015, p. 175).

De acordo a entrevistada a cima citada, entende-se que no processo de formação e aprendizagem da referida etnia, não existe um tempo certo para início de uma aprendizagem, na realidade do povo em estudo a criança começa a prender desde momento em que nasceu, a sua capacidade de assimilação é um fator fundamental no seu processo de aprendizagem.

A entrevistada afirma que há crianças que assimilam coisas mais rápido do que outros, este fato também está presente no processo educacional dita formal, por essa diferença na capacidade de aprender faz com que esse processo se exige muito o cuidado e a paciência do acompanhante da criança nessa fase de aprendizagem como um adulto, a sua mãe, professor/a ou qualquer que seja responsável pela aprendizagem dele/a.

Sendo assim, considerando as afirmações acima citada pela entrevistada, afirma-se que no processo de formação de um menino/a na tradição do povo brassa, leva-se em consideração a questão de acompanhamento, observação, avaliação e aprovação do educando por parte do acompanhante neste caso pode ser um professor se for na educação dita formal, adulto, a sua mãe, responsáveis das diferentes etapas/fases em que ele/a pertence no caso da educação de realidade do povo em estudo. Em seguida, apresentaremos a terceira fase/etapa de educação e formação feminina chamada de *Iegle* na realidade do povo *Brassa*.

4.2. TERCEIRA ETAPA *IEGLE*

Na realidade dos Brassa, *Iegle* é nome dada as meninas que pertencem a terceira etapa de formação feminina também é o nome usado pelos *Brassa* de *Nhacra* para referir noivas com poucos anos de casamento e pouca experiência como noiva, geralmente pertence a este grupo as meninas de 13 aos 16 anos, na realidade do povo em estudo, esta é a fase ou etapa mais importante na vida de uma menina/mulher *Brassa*.

Porque, essa é a fase que marca a passagem de uma menina de fase da puberdade a fase adulta, na tradição brassa, nessa fase começa os preparativos, reunião entre membros da família do jovem e os da família da menina, estes preparativos culmina com o casamento, realização da cerimónia de (*Kpal*) e esta etapa é tão importante para as meninas tanto quanto o fanado para os homens. (...) após a realização da cerimónia, a partir deste momento a *Iegle* é particularmente respeitada por todos adultos e crianças em toda comunidade e em tabancas e morraças vizinhas. Cammilleri, (2010).

As meninas desta etapa de formação têm a obrigação de aprender com outras mulheres consideradas maduras com mais experiência por terem levada muitos anos no casamento, uma menina nessa fase nunca deve se esquecer do que apreendido com as anciãs no seu último dia de conselho com elas.

Apesar de ser a fase mais importante na vida da mulher brassa, também é a fase que mais passa rápido pois ela dura só até antes dela se engravidar, quando se engravida começa os preparativos para a nova fase que é *Thata*, porque filhos são o elo que marca a passagem da mulher na terceira fase para quarta, como afirma o Cammilleri, (2010).

Após o nascimento do segundo filho e a *iegle* passa a chamar-se *thata* [*fata*], mas este período começa quando a mulher exprime o desejo de fazer uma longa viagem, [...] os motivos são diversos: visita a parentes afastados, atividades de trabalho sazonal, peregrinação ao santuário do território originário da família e outros. Ninguém pode opor-se a este direito, nem mesmo o marido. De facto é sinal da sua independência e um direito reconhecido pela tradição. Ao voltar começa a cumprir as tarefas que lhe competem. (CAMMILLERI, 2010, p. 51).

De acordo com as palavras do autor acima referido, entende-se que a liberdade de uma mulher recém casa *Brassa* começa após o nascimento do segundo filho, a partir daí, ela não só muda de fase ou ganha novo status na sociedade, mas também inicia-se a liberdade, a partir daí, ela pode realizar viagens com vários propósitos sem o impedimento do seu marido e das anciãs, leva a criança com sigo para visitar e conhecer os parentes

e familiares que vive um pouco longe deles, dura tempo que quiser porque tem a indecência e liberdade garantida pela lei da tradição. Paulatinamente a mulher passa da terceira fase/etapa chamada de *Iagle* para a quarta que é *Thata*, etapa que apresentaremos em seguida.

4.3. QUARTA ETAPA THATA

Na tradição do povo *Brassa*, as *Thatas* constituem a quarta etapa de educação e formação feminina, a entrada nessa etapa se dá só depois de nascimento do segundo filho da mulher, a partir daí ela deixa de ser chamada de *Iagle* e deixa de pertencer a terceira etapa como apontamos na fase anterior, as *Thata* estão sempre presente em todas atividades da família, efetuando várias tarefas/trabalho de casa ou da morança.

De acordo com Cammilleri, (2010, p. 51), também é da responsabilidade das *Thata* organizar e responsabilizar de toda sementeira de arroz nos viveiros, desde seu arrancamento, transplante, colheita e o processo de transporte que elas efetuam carregando a cabeça as cestas de cheias de arroz para casa. A mulher *Thata* assume um papel importantíssimo no ceio da família, mas elas as vezes não conseguem assumir toda responsabilidade da morança por isso, participa junto com elas as mulheres que entram na fase seguinte que são chamadas de *Sade* na língua *Brassa*.

4.4. QUINTA ETAPA SADE

Na tradição *Brassa*, *Sade* são as mulheres que constituem a quinta etapa de educação e formação feminina. De acordo com Cammilleri, (2010), pertencem a esta fase as mulheres com mais de 45 anos, as que já estão no fim do período fecundo e o início da menopausa, na realidade do povo *Brassa* a mulher *Sade* é uma mulher com grandes experiencias e responsabilidade de controlar e cuidar das pessoas em casa principalmente as crianças, a mulher já nessa fase é introduzida na vida social e política da comunidade pelas anciãs.

As mulheres que pertencem a essa etapa de formação não ocupam este lugar na sociedade só porque já se passaram dos quarenta, mas sim, porque aprovaram que viveram uma experiência inédita na sua formação desta primeira etapa que pode ser vista ou considerada como a fase de amadurecimento e maturidade físico.

A segunda é de uma aprendizagem mais técnica, também viveram pela experiência da terceira fase que é aprovar o sabor de ser mãe, a quarta que é de ser responsável e de saber cuidar da produção e alimentação da comunidade ou morança a que pertence, para depois chegar nessa fase tão importantíssimo na vida de uma *Sade* que é de fazer parte da grande organização de conselho feminina para a tomada de grandes decisões na comunidade, junto com as que constitui a sexta e última etapa de educação e formação feminina, fase onde você é considera de uma repositora dos conhecimentos considerando a sua rica experiencia, em seguida apresentaremos essa fase/etapa chamada na língua *Brassa* de “*Anin Ndolo*”.

Figura- 9 Sade: No processo de preparação de sal.



Anin sade: Preparação do sal.

Fonte: Siga, (2015).

A imagem acima, ilustra a mulher da quinta fase ou etapa de formação na execução de uma das suas atividades preparando sal. Em seguida apresentarei a sexta etapa que é conhecida entre os *Brassa* como *Anin Ndolo*.

4.5. SEXTA ETAPA ANIN NDOLO

Na realidade da cultura do povo *Brassa*, *Anin Ndolo* pertence a sexta e última etapa de educação e formação feminina. Na verdade, não existe um critério que define a passagem da mulher na quinta etapa/fase que é *Sade* para sexta ou última conhecido como *Anin Ndolo*. para Cammilleri, (2010, p. 54), a distinção se vê nas suas capacidades de produção ou de trabalho e a que elas demonstram na resolução de um determinado problema na comunidade e a sua contribuição no conselho das anciãs.

Literalmente a *Anin Ndolo*, na língua *brassa* significa anciã ou mulher anciã já avó ou bisavó, e ela ainda é bem respeitada e amada por toda comunidade considerando as suas virtudes, experiências e sabedoria adquirida durante toda sua vida em constante formação na comunidade a que pertence e vive.

Também *Anin Ndolo*, ela é considerada a rainha da casa do marido, a ela pertence este título, não só pelo marido mas sim para toda tabanca, morança e um grande reconhecimento por toda família do marido e comunidade, não importa se ela ainda permanece aquela casa ou se, se separou do marido e ela é fundamental na morança e na vida do marido enquanto vivo, até morto, tem as suas regalias como rainha da casa, isto pode se vê no caso da doença ou morte do marido porque, só ela tem o direito de lhe prestar últimos rituais ante de ser sepultado, como salienta Cammilleri, (2010).

Quando, porém o seu primeiro marido adoece gravemente, a primeira *anin ndolo* deve ser informada para o poder visitar e fazer para ele determinadas cerimônias. Este dever de presença e de reconforto torna-se uma obrigação quando o marido morre, é obrigada a participar no enterro do marido. [...] compete-lhe só a ela prestar os cuidados previstos no cerimonial fúnebre, [...] lavar o corpo do defunto enxugá-lo e enrolá-lo no lençol branco (ñoma hi), que usou no dia do casamento, colocar junto do defunto um bracelete (*finñengele*) e abrir o cortejo que acompanha o defunto a sepultura, seguida imediatamente pelas outras esposas e finalmente pelos familiares mais próximos. (CAMMILLERI, 2010, P. 55).

Considerando a afirmação acima, entende-se que na cultura do povo *Brassa*, a uma enorme valorização e reconhecimento do casamento pois na tradição deste povo, ser o primeiro marido como a primeira esposa é tão sagrado e importante pois dá um status que é reconhecida por familiares e toda comunidade porque, para nós, o casamento não é só uma simples união de dois corpos, mas sim uma união presenciada pelos anciões, antepassados e os ancestrais.

Por isso a mulher sempre tem um dever de pertence na casa ou morança onde foi casada pelo seu primeiro marido, por isso na tradição do meu povo, ela é considerada a rainha daquela casa, por isso lá tem cerimônias que só ela pode fazer, ela também tem o direito de ser informado da doença e falecimento do marido como salienta o autor acima citado porque na cerimônia fúnebre o marido á ela pertence os primeiros rituais ante de tudo. É importante deixar claro que o marido também tem os mesmos direitos na sua primeira mulher, mesmo separados no caso da morte, ele tem o direito de faze-la últimos rituais da cerimonia fúnebre pela mesma ligação e os filhos que já tiveram.

Figura-10 *Anin Ndolo*: Em uma das suas tarefas a construção de pote.



Anin ndolo: Actividade da mulher anciã.

Fonte: Cammilleri, (2010).

Para o povo *Brassa* a figura da mulher na fase de *Anin Ndolo* é tão importante para a comunidade, sendo assim, a sua incapacidade de produzir antes por perda de força física, a ela pertence a realização de seguintes tarefas, a construção de potes, redes de pesca, vassouras costuras bandas, tomar conta das crianças pequenas e muito mais, como jeito de reconhecimento de tudo que ela tem feita na morança ou tabanca da sua primeira experiencia de educação e aprendizagem na comunidade, tudo isso torna ela muito amada e respeitada por todos/as, a sua palavra torna tão importante para a comunidade na tomada de qualquer que seja a decisão assim como na realização de qualquer que seja cerimonia principalmente na fase da educação feminina mais importante da comunidade brassa o casamento, a ela também pertence o papel de aconselhar as mulheres novas na tabanca.

É importante destacar a função ou papel importantíssimo que as mulheres exercem para a melhor realização da cerimônia de circuncisão, na tradição *Brassa* as mulheres são responsáveis de preparar alimento que é levado ao lugar sagrado mato ou barraca até quando os recém circuncisados saíam, eles também são responsáveis de vesti-los ou melhor enfeitá-los, para isso, no processo as mulheres de diferentes tabancas, morança e linhagem organizam e deram uma contribuição valiosa em dinheiro e vários objetos.

Na tradição *Brassa* o candidato a cerimônia de circuncisão tem direito de pedir qualquer que seja algo aos familiares como presente, o pedido ou desejo dele é realizado e ele recebe estes e outros presentes no dia que sair da barraca, a os que pedem um terreno para construir casa depois que sair, outros pedem cama, mala cheio de roupas e muito mais. Sendo assim, a compreensão destas etapas de formação masculina e feminina na realidade do povo *Brassa* da Guiné-Bissau como uma forma de educação e aprendizagem a partir das suas próprias experiência de vida vivida dia a dia nas suas realidades, isso constrói, ou melhor mostra uma outra realidade e modelo educacional existente no país.

5. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este trabalho tem como foco central, analisar e compreender os valores educacionais presentes na cultura dos *Brassa* de *Nhacra* a partir das suas etapas de formação como uma forma de educação e aprendizagem presente nas suas próprias experiências. O interesse em estudar o tema etapas de formação como uma forma de educação: Experiências do povo *Brassa*, teve vários motivos mas o principal foi porque sou do grupo étnico em estudo “*Brassa*”, e não tive a oportunidade de viver e conhecer a minha realidade cultural por isso, acredito que a realização desta proposta de pesquisa/estudo, pode e vai me reconectar com a minha realidade e me ajudar a conhecer e identificar as formas pelo qual ocorre o processo de ensino e aprendizagem dos valores educacionais na cultura do meu povo a partir das suas etapas de formação, que eu não conhecia antes como uma forma de educação presente nas suas próprias experiências.

Com a realização deste trabalho apreendi que, na medida em que estou me formando na cultura e realidade ocidental, na escola a partir de um processo dita “educação formal”, estou me desformando na minha cultura e realidade, porque hoje não sei caçar não sei cultivar a terra não sei falar bem a minha própria língua não conheço bem as práticas culturais da minha, sinto que me tornei inútil para a minha comunidade,

apesar de ter “Bacharelado, estou me licenciando e mestrando, hoje em dia sinto que nenhuma delas é mais importante que aprender e viver os valores educacional presente na cultura do meu povo, a partir das suas etapas de formação, e hoje acredito que o melhor seria assimilar ou melhor ter esses dois conhecimentos ou formas de educação juntos.

Visto que geralmente a minha geração principalmente os que nasceram em Bissau “capital”, nós não conhecemos as nossas práticas culturais muito menos a essência das nossas praticas educacionais adquiridos nas nossas diferentes etapas de educação e formação, a realização deste trabalho é muito impactante para mim porque, me fez conhecer e entender muita coisa que antes não conhecia e nem entendia por exemplo: como estava dividido e organizado as diferentes etapas de formação e educação masculina e feminina, as idades que pertencia as diferentes fases, o propósito de realização dos ritos, danças como *Broska, kusundé, kanta pô* e essência da realização de diferentes cerimoniais como o de toca choro, casamento, circuncisão e cerimoniais realizadas para dar início a pratica agrícola, para agradecer a grande produção e a boa colheita dos produtos cultivados.

Sendo assim, a realização deste trabalho me ajudou a compreender que os valores educacionais presentes na realidade do meu povo “*Brassa*”, passada através das diferentes etapas de formação do povo em estudo, foi o que constitui a essência do que seria ser *Brassa*, e este sentimento é movido e vivido numa fraternidade para com todos, e os referidos valores educacionais pode se vê, notar, sentir e viver na vida e conduta de diferentes indivíduos que passaram, cumpriram ou melhor completaram as suas formações passando pelas diferentes etapas e processos de formação presente na realidade sociocultural e educacional dos *Brassa* de *Nhacra*.

Estas formas de educação e concepção de vida vivida no seio da cultura do povo em estudo, diferente daquilo que é a realidade educacional ocidental imposta nas diferentes sociedade africana principalmente guineense, com a valorização da escrita e desvalorização da oralidade e outras formas de ensino e aprendizagem existente na realidade de diferentes povos e grupos étnico que compõe o mosaico cultural guineense que se pode ver nas diferentes etapas de formação do povo em estudo *Brassa* de *Nhacra* como uma forma de educação e aprendizagem que ainda está fora do ambiente escolar e do currículo local.

Por isso, acredito que discutir e apresentar outras formas de educação como a que se dá nas experiências do povo Brassa, passa justamente a partir da compreensão dos valores educacionais presentes na cultura dos *Brassa de Nhacra* analisada e compreendido neste estudo. Para essa compreensão, os valores educacionais presentes na cultura do povo em estudo, foram analisadas a partir de vários eixos, o que nos permite a melhor compreensão dos referidos valores educacional no ceio no meu povo.

Ao analisar os valores educacionais presente e passado na cultura do povo Brassa durante o processo de educação e formação masculina, primeiro vê-se que ela é organizada e dividi em faixas, etapas, grupo e idade, nesse processo de formação se vê que nessa realidade educacional os valores educacionais são produzidos dentro de diferentes grupos e etapas de formação. Durante a análise compreendemos que os referidos valores educacionais se passam ou se dão por idade, fase e etapas, por isso não se ensina a criança da primeira etapa coisas da quarta etapa ou sétima.

Para tanto, nessa realidade a criança a pessoa não é forçado ao aprendizado, cada um aprende e adquire os valores educacional na sua etapa sempre com a observação e acompanhamento de um adulto que representa a figura não de um professor, mas sim de um mediador, facilitador dos saberes e os valores deducionais entre eles, assim acontece durante todo processo de formação que é completado com o ritual sagrado de circuncisão na formação masculina, e na feminina se completa com a cerimônia de casamento que é tão sagrado e importante na formação feminina.

Sendo assim, concluiu-se que, os valores educacionais presentes na cultura dos *Brassa de Nhacra* analisadas, são compreendidas porque conseguimos conhecer e entender como se dá o processo de educação e formação masculina, feminina e como se dá os valores educacionais na realidade do grupo étnico em estudo.

Sendo assim, acredito que a realização da pesquisa ou trabalho poderia ter sido além da pesquisa bibliográfica, envolvendo uma pesquisa de campo e coleta de dados a partir da técnica de entrevista estorturada com os questionários previamente elaborado, mas considerando a limitação geográfica e financeira para a realização de uma viagem a Guiné-Bissau por isso, só foi possível efetuar a realização da revisão bibliográfica, conhecendo e explorando os materiais já publicados sobre a proposta em estudo.

Sendo assim, acredito que a realização deste trabalho/pesquisa, é importante na medida que traz contribuições valiosas para a UNILAB, considerando o fato de que a Unilab é uma universidade da integração internacional da lusofonia afro-brasileira, é importante e interessante que nela seja feita mais e mais os trabalhos desta magnitude, com propostas de descolonizar a partir de uma produção afro centrado com propósito de descolonizar o processo de educação, ensino e aprendizagem nos países da integração principalmente na Guiné-Bissau, em especial na realidade do meu povo.

A realização desses tipos de trabalhos na Unilab só afirma, e reforça a sua internacionalidade porque, nela temos espaço, autoridade e liberdade de expressar, expor os nossos conhecimentos e sabedoria que ao longo dos tempos não foram reconhecidos ou aceites na academias, a Unilab me permite sentir que podemos até sair de casa, da África mas a África nunca vai sair em nós, acredito que a realização deste trabalho no solo brasileiro é a prova disso porque, trilhei uma encruzilhada com atlântico no meio para fazer o resgate da prática cultural e educacional do meu povo, numa produção das minhas origens na perspectiva do meu povo a partir da literatura produzida.

Também acredito que, o meu comprometimento com a realização deste trabalho vai além de uma contribuição que possibilita a divulgação e preservação da realidade cultural e educacional do meu povo por meio da escrita, mas sim também me comprometo em contribuir para emancipação da minha geração e as gerações vindouras principalmente nos, os nascidos em Bissau “capital”.

Por tanto, a realização deste trabalho também é uma forma de preservar a nossa história, e as nossas diferentes formas e práticas culturais, dessa forma, a história e cultura do meu povo, além de estar preservado na memória dos mais velhos, os anciãos e anciãs que são considerados grandes bibliotecas vivos, também estará preservado de uma forma escrita nas bibliotecas das ditas escola formal como um documento importante que carrega escrito nela a história e as diferentes formas e práticas culturais e educacional do povo Brassa.

A realização deste trabalho conta com a tradução do seu resumo de português para língua guineense “crioulo da Guiné-Bissau”, a tradução foi feita pelo autor do trabalho Rugana Indafá e alguns colaboradores como: Braima Sadjo, Dime Gomes C6 e Policarpo Gomes Caomique. A realização do referido resumo se dá como forma de contribuir com nova forma de expressar o conhecimento no processo de ensino e aprendizagem, com

praxes docentes que possam contribuir no campo da educação para isso, enquanto futuro pedagogo e profissional de educação, no sistema educativo guineense, tenho a responsabilidade de desafiar estas mentes ainda colonizados, estes currículos escolares colonizados para implementação das novas formas de produção e expressão dos conhecimentos e evidenciar as novas bases teóricas para facilitar a compreensão dos conhecimentos produzido.

6. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.

AFONSO, Camilo. **A educação tradicional do Noroeste de Angola: Formas de transmissão de saberes e sua presença na Bahia.** 2016.

ARDJANA, Ghislaine F. L. Robalo. *A Tradição De Casamento Arranjado Nas Etnias Balanta E Mandinga Na Guiné-Bissau.*, 2016.

ARROYO, M. Currículo e a pedagogia de Paulo Freire. In. RIO GRANDE DO SUL. Secretaria de Educação. **Caderno pedagógico 2: Semana Pedagógica Paulo Freire.** Porto Alegre: Corag, 2001a. p. 42-54.

BÂ, Amadou Hampâté. *A Tradição Viva. História Geral de África.* Tomo. I. Edição Ática: UNESCO, 1980.

BRANDÃO, Carlo" Rodrigue. **O que é educação.** São Paulo: Brasiliense, 2007. (Coleção primeiros passos; 20.

Cá Lourenço Ocuni. **A Constituição da Política do Currículo na Guiné-Bissau e o Mundo Globalizado.** Cuiabá: EDUFMT/CAPES, 2008.

Cá Lourenço Ocuni. **A Constituição da Política do Currículo na Guiné-Bissau e o Mundo Globalizado.** Cuiabá: EdUFMT/CAPES, 2008.

Cá Lourenço Ocuni. **Perspectiva histórica da organização do sistema educacional da Guiné-Bissau.** Campinas, SP, 2005. Disponível:<[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/253256/1/Ca_Lourenco Ocuni_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/253256/1/Ca_Lourenco_Ocuni_D.pdf)>.

Cá Lourenço Ocuni. **Perspectiva histórica da organização do sistema educacional da GuinéBissau.** Campinas, SP, 2005. Disponível:<[http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/253256/1/Ca_Lourenco Ocuni_D.pdf](http://repositorio.unicamp.br/bitstream/REPOSIP/253256/1/Ca_Lourenco_Ocuni_D.pdf)>.

Cá, Cristina Mandau Ocuni. **Formação feminina no internato de bor (1933-2011) na Guiné-Bissau: reflexos na educação da sociedade guineense contemporânea.** (2015).

CÁ, Lourenço Ocuni. **A constituição da política do currículo na Guiné-Bissau eo mundo globalizado.** EdUFMT, 2008.

CABRAL, A. & ANDRADE, M. P. de. (orgs.). **A arma da teoria: unidade e luta I.** 1ª ed. Lisboa: Seara Nova, 1978. p. 234.

CAMILO, Afonso. **A educação tradicional do noroeste de Angola: formas de transmissão de saberes e sua presença na Bahia.** Salvador, 2016.

CAMMILLERI, Salvatore. **A identidade cultural do povo balanta**. Lisboa: Colibri, 2010.

CASCAIS, Maria das Graças Alves; TERÁN, Augusto Fachín. Educação formal, informal e não formal na educação em ciências. **Ciência em tela**, v. 7, n. 2, p. 1-10, 2014.

FONSECA, J. J. S. *Metodologia da pesquisa científica*. Fortaleza: UEC, 2002. Apostila.

FREIRE, P. **Educação e mudança**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979.

FREIRE, Paulo. *Pedagogia de oprimido*. 17ª ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

FREIRE, Paulo. **Educação e mudança**. Editora Paz e terra, 2014. Disponível: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=ptBR&as_sdt=0%2C5&q=+FREIRE%2C+Paulo.+Educa%C3%A7%C3%A3o+e+mudan%C3%A7a.+Editora+Paz+e+terra%2C+2014.&btnG=#d=gs_cit&u=%2Fscholar%3Fq%3Dinfo%3AW4aetTVkmuMJ%3Ascholar.google.com%2F%26output%3Dcite%26scirp%3D0%26hl%3Dpt-BR. Acesso: 25 de junho de 2021.

GERHARDT, Tatiana Engel; SILVEIRA, Denise Tolfo. **Métodos de pesquisa**. Plageder, 2009.

GIL, A. C. **Métodos de pesquisa: Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Atlas, 2007.

Godoy, Elenilton Vieira, and Vinício de Macedo Santos. "Um olhar sobre a cultura." *Educação em Revista* 30.3 (2014): 15-41.

GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal, educador (a) social e projetos sociais de inclusão. Meta: avaliação**, Rio de Janeiro, v. 1, n. 1, p. 28-43, jan./abr. 2009.

GOHN, Maria da Glória. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Ensaio: avaliação e políticas públicas em educação**, v. 14, p. 27-38, 2006.

HAMPATÉ BÂ, Amaduo. A tradição viva. In KI-ZERBO, Joseph (org.) *História Geral da África: metodologia e Pré-história da África*. v. 1. Brasília: UNESCO, 2010. pp. 167-212. <http://www.pucsp.br/ecurriculum>.

História geral da África, I: **Metodologia e pré-história da África** / editado por Joseph

IMBALI, Faustino. **Um olhar sobre sistema alimentar balanta: o caso das tabancas de Mato Foroba e Cantone. Soronda**. *Revista de Estudos Guineenses*. Bissau, n. 14, p. 03-27, jul. 1992. Disponível em: <http://www.inepbissau.org/LinkClick.aspx?fileticket=gy19bSoM%2f1M%3d&tabid=61&mid=393>. Acesso em: 15 de abril de 2021.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA E CENSO - INEC. **Recenseamento geral da população e habitação** v. IV. Bissau: INEC, 1991.

INSTITUTO NACIONAL DE ESTATÍSTICA E CENSO - INEC. **Recenseamento geral da população e habitação**. Bissau: INEC, 2009.

Iongna, Armando Na. "**O casamento na etnia Balanta: tradição e modernidade.**" (2019). Disponível: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-PT&as_sdt=0%2C5&q=Iongna%2C+Armando+Na.+O+casamento+na+etnia+Balanta+%3A+tradi%C3%A7%C3%A3o+e+modernidade+%2F+Armando+Na+Iongna.+2019.+56+f.+%3A+il.+color.&btnG=. Pdf. Acesso: 29 de dez. de 2020.

Ki-Zerbo. – 2.ed. rev. – Brasília : UNESCO, 2010. 992 p.

LARAIA, Roque de B. **Cultura um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Zahar. (2004).

LARAIA, Roque de B. **Cultura: um conceito antropológico**. Rio de Janeiro, RJ: Zahar, 1986.

LOPES, Luísa da Silva. **A Lei de Bases do Sistema Educativo da Guiné-Bissau: Uma análise do processo de construção política**. Diss. Tese de Mestrado. Mestrado em Ciências da Educação. Universidade de Aveiro, Aveiro, Portugal, 2014.

MUNGALA, A. S. **L'Éducation traditionnelle en Afrique et ses Valeurs Fondamentales. Ethiopiques** N° 29. Revue Socialiste de Culture Negro-Africaine. Fev. 1982.

NAMONE, Dabana. "**Educação tradicional e moderna na Guiné-Bissau e o impacto da língua portuguesa no ensino: caso das crianças da etnia Balanta-Nhacra de Tombali.**" (2020). Disponível: https://scholar.google.com.br/scholar?hl=pt-PT&as_sdt=0%2C5&q=Para+os+Balantas+n%C3%A3o+existe+um+poder+central.+Em+cada+tabanca+existem+anci%C3%A3os%2C+ou&btnG=. Pdf. Acesso: 20 de fev. de 2021.

NAMONE, Dabana. **A luta pela independência da Guiné-Bissau e os caminhos do projeto educativo do PAIGC: etnicidade como problema na construção duma identidade nacional**. 2014.

NHUTA, Cutsau. **A tradição Balanta a luz da escritura sagrada**. 2017, Disponível: <https://nhutablog.files.wordpress.com/2017/06/cutsau-tradicao-balanta-a-luz-da-escritura-sagrada.pdf>. Acesso: em 28 de nov. 2021.

OLIVEIRA, M. D. Paulo Freire. In. ORTH, L. M. E. (Tradutora). **O processo educativo segundo Paulo Freire e Pichon-Rivière**. 2. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 1989. p. 27-29.

REGO, Amancio Mauricio Xavier. Educação: conceitos, finalidades e modalidades. **Scientia cum industria**, v. 6, n. 1, p. 38-47, 2018.

RITH, Ttchogue. FREHU-N-FLIF N° 13: a composição da família na cultura balanta. **Intelectuais Balantas na Diáspora**. Oslo, n. 13, jun. 2013. Disponível em: <<http://tchogue.blogspot.com.br/2013/06/frehu-n-flif-n-13-composicao-da-familia.html>> Acesso: 27 de nov. de 2021.

SAMPAIO, Carlos Magno Augusto; DOS SANTOS, Maria do Socorro; MESQUIDA, Peri. Do conceito de educação à educação no neoliberalismo. **Revista Diálogo Educacional**, v. 3, n. 7, p. 1-14, 2002.

Seide, Seco Braima. "**Organização social, política e cultural da etnia Balanta.**" (2017).

Sia, Isna Gabriel. **Danças do povo brasa (balanta) da Guiné-Bissau na contemporaneidade: kussunde, kanta po e broska**. São Francisco do Conde, 2016.

SIGA, Fernando. **A organização social, política e religiosa dos Balanta: usos, costumes e rituais**. Redenção, 2015.

SILVA, Francisco Henriques da; SANTOS, Mário Beja. **Da Guiné-Portuguesa à Guiné-Bissau: um roteiro**. Porto: Fronteira do Caos Editores, 2014.

SILVA, P. B. G. (2003). **Aprender a conduzir a própria vida: dimensões do educar-se entre afrodescendentes e africanos**. BARBORA, LM de A; SILVA, PG e S; SILVÉRIO, VR (org.). *De preto a afro-descendente: trajetos de pesquisa sobre relações ético-raciais no Brasil*. São Carlos: EDUFSCar, 181-197.